

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE E EDUCAÇÃO

LANAY DÁLETE DOS SANTOS PEREIRA

DISCURSOS EM UMA COMUNIDADE DITA RIBEIRINHA SOBRE A  
POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DE UMA USINA HIDRELÉTRICA NO  
INTERIOR DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

RIBEIRÃO PRETO  
2024

LANAY DÁLETE DOS SANTOS PEREIRA

DISCURSOS EM UMA COMUNIDADE DITA RIBEIRINHA SOBRE A  
POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DE UMA USINA HIDRELÉTRICA NO  
INTERIOR DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

Dissertação apresentada à Universidade de  
Ribeirão Preto (UNAERP), como requisito  
para obtenção do título de Mestre em Saúde  
e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Saulo Delfino Barboza

Ribeirão Preto  
2024

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento  
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

**P436d** PEREIRA, Lanay Dálete dos Santos, 1995-  
Discursos em uma comunidade dita ribeirinha sobre a possível  
construção de uma usina hidrelétrica no interior da Amazônia  
ocidental / Lanay Dálete dos Santos Pereira. -- Ribeirão Preto,  
2024.

76 f. il. color.

Orientador (a): Prof.º Dr.º Saulo Delfino Barbosa.

Dissertação (Mestrado em Saúde e Educação) – Universidade  
de Ribeirão Preto (UNAERP), Ribeirão Preto, 2024.

1. Usina hidrelétrica. 2. Amazônia. 3. Análise de discurso.  
4. Ribeirinho. I. Título.

**CDD 610**

**LANAY DÁLETE DOS SANTOS PEREIRA**

**DISCURSOS EM UMA COMUNIDADE DITA RIBEIRINHA SOBRE A POSSÍVEL  
CONSTRUÇÃO DE UMA USINA HIDRELÉTRICA NO INTERIOR DA AMAZÔNIA  
OCIDENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Saúde e  
Educação da Universidade de Ribeirão  
Preto para obtenção do título de Mestre  
em Saúde e Educação.

Área de Concentração: Ensino de Ciências da Saúde

Data da defesa: 02 de agosto de 2024

Resultado: Aprovada

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Dr. Saulo Delfino Barboza**  
Presidente/UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** FERNANDA BERGAMINI VICENTINE  
Data: 10/12/2024 10:53:05-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Profa. Dra. Fernanda Bergamini Vicentine**  
UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** JACOB DOS SANTOS BIZIAK  
Data: 09/12/2024 17:36:55-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Prof. Dr. Jacob dos Santos Biziak**  
IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus  
Sertãozinho

**RIBEIRÃO PRETO**  
**2024**

Dedico esta dissertação em especial para todos as comunidades ribeirinhas e outros povos amazônicos e do mundo, que além de frequentemente esquecidos frente a empreendimentos que priorizam apenas o desenvolvimento econômico, são silenciados, violentados e têm seus direitos fundamentais, inclusive de participação social, tolidos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao grande arquiteto do universo por permitir que eu encontre meus caminhos e realize meus sonhos, bem como aos meus pais que sempre acreditaram em meu potencial e me incentivaram a buscar minhas realizações mesmo quando não entendiam meus motivos.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Saulo Delfino Barboza e os membros da banca de qualificação e defesa Dr. Jacob dos Santos Biziak, Dra Giovanna Cabral Doricci e Dra. Fernanda Bergamini Vicentine pelas orientações importantes que me permitiram chegar até aqui em minha jornada acadêmica.

Agradeço ao senhor Paulo César de Mello, secretário municipal de Assistência Social do município de Machadinho D'Oeste-RO, que contribuiu fortemente para que este trabalho fosse concluído. A ele, meus sinceros agradecimentos e imensa admiração.

Agradeço também a Iana Queiroz, pela amizade que construí nesta jornada que foi o mestrado, a qual me ajudou e me recebeu em sua casa para que eu pudesse continuar cursando o mestrado, bem como agradeço a todos os meus familiares e amigos, em especial Gustavo Fontineli e Gisely Gabriely.

Equilíbrio é tudo (Autor desconhecido).

## RESUMO

A construção de usinas hidrelétricas é um tema controverso que gera preocupações socioambientais e econômicas, especialmente para as comunidades locais que podem ser afetadas diretamente. Esta dissertação teve como objetivo analisar os efeitos de sentido produzidos por discursos em uma comunidade dita ribeirinha sobre seu estilo de vida, bem como, seu posicionamento frente a possível construção de uma usina hidrelétrica em sua localidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual a Análise de Discurso materialista foi o principal referencial teórico-metodológico. Os dados coletados foram posteriormente analisados como fatos sob essa perspectiva discursiva, o que permitiu explorar relações históricas e materiais que atuam na produção de efeitos de sentido e em processos de subjetivação produzidos em discurso. O estudo revelou que ser ribeirinho naquela localidade transcende uma mera localização geográfica, envolvendo efeito de sentido de pertencimento territorial, cultural e social. Os discursos analisados refletem preocupações complexas e perspectivas divergentes: enquanto alguns veem oportunidades de desenvolvimento econômico, outros expressam receios quanto aos impactos ambientais e sociais com o possível empreendimento. Conclui-se que qualquer decisão sobre o futuro de uma localidade deve levar em conta não apenas os aspectos econômicos, mas também os impactos sociais e ambientais. É essencial garantir a participação efetiva e respeitosa das comunidades locais no processo de tomada de decisão, assegurando que suas vozes sejam ouvidas e suas necessidades consideradas.

**Palavras-chave:** Usina hidrelétrica; Amazônia; Análise de Discurso; Ribeirinho.

## ABSTRACT

The construction of hydroelectric plants is a controversial issue that raises socio-environmental and economic concerns, especially for local communities that may be directly affected. This dissertation aims to analyze the effects of meaning produced by discourses in a riverside community regarding their lifestyle and their stance on the possible construction of a hydroelectric plant in their locality. For this purpose, a qualitative approach was used for the production and analysis of data, and Materialist Discourse Analysis was the main theoretical and methodological framework for this research. The study reveals that being a riverside dweller transcends mere geographic location, involving a deep sense of territorial, cultural, and social belonging. The analyzed discourses reflect complex concerns and divergent perspectives: while some see opportunities for economic development, others express concerns about the environmental and social impacts of the project. The research is not limited to linguistic analysis but also examines the historical and material relations that influence the effects of meanings produced in the discourse. It also highlights that any decision about the future of a locality should consider not only economic aspects but also social and environmental impacts, ensuring effective and respectful participation of local communities.

**Keywords:** Hydroelectric plant; Amazon; Discourse Analysis; Ribeirinho.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Banheiros masculino e feminino de um bar .....	26
Figura 2 – Igreja Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, situada na vila Tabajara, em Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, região norte do Brasil .....	32
Figura 3 – Foto da vila Tabajara, situada na zona rural da cidade Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, região norte do Brasil .....	33
Figura 4 – Residências abandonadas na Vila Tabajara no município de Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, região norte do Brasil .....	51
Figura 5 – Residências a venda e alagadas devido às fortes chuvas na Vila Tabajara no município de Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, Brasil.....	52

## LISTA DE ABREVIATURAS

5º BEC	5º Batalhão de Engenharia e Construção
AD	Análise de Discurso
CMS	Conselho Municipal de Saúde
COMAS	Conselho Municipal de Assistência Social
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
EPE	Empresa de Pesquisa Energética
EQUATOR	<i>Enhancing the Quality and Transparency of Health Research</i>
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PDE	Plano Decenal de Expansão de Energia Elétrica
PIC	Projetos Integrados de Colonização
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
PPI	Programa de Parcerias de Investimentos
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
SRQR	<i>Standards for Reporting Qualitative Research</i>
SUCAM	Superintendência de Campanhas de Saúde Pública
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UHE	Usina Hidrelétrica

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1	JUSTIFICATIVA.....	17
1.2	OBJETIVOS.....	21
1.2.1	Objetivo geral.....	21
1.2.2	Objetivos específicos.....	21
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>22</b>
2.1	INTRODUÇÃO À ANÁLISE DE DISCURSO .....	22
2.2	EFEITOS DE SENTIDO.....	25
2.3	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DISCURSIVA.....	26
2.4	MOVIMENTOS DE ANÁLISE .....	29
<b>3</b>	<b>MÉTODOS.....</b>	<b>31</b>
3.1	DELINEAMENTO DO ESTUDO .....	31
3.2	LOCAL DE ESTUDO .....	31
3.3	UMA BREVE HISTÓRIA DO ESTADO DE RONDÔNIA.....	34
3.4	POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	36
3.5	PRODUÇÃO DE DADOS .....	37
3.5.1	Protocolo de pesquisa de campo.....	37
3.5.2	Procedimentos de produção de dados .....	38
3.6	ANÁLISE DE DADOS.....	40
3.7	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	41
3.8	CRITERIOS DE SUSPENSÃO OU ENCERRAMENTO DA PESQUISA .....	41
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>42</b>
4.1	PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO .....	42
4.2	A POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DA UHE TABAJARA .....	47
4.2.1	Progresso e destruição: uma tendência histórica .....	47
4.3	POSICIONAMENTO SOBRE A POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DA USINA .....	52
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>60</b>
	<b>APÊNDICE A – DIAGNOSTICO SOCIOASSISTENCIAL DA VILA TABAJARA, UMA COMUNIDADE NO INTERIOR DA AMAZÔNIA OCIDENTAL.....</b>	<b>63</b>



## APRESENTAÇÃO

Nasci em Goiânia, no estado de Goiás, e me mudei para o interior de Rondônia quando tinha apenas quatro anos. Cresci na zona rural, local de beleza ímpar, marcado pelo bioma amazônico. Sempre fui apaixonada por entender o comportamento e as percepções humanas. Motivada por esse desejo, graduei-me em Psicologia pelo Instituto de Ensino Superior de Rondônia (IESUR) no ano de 2016. Em seguida, especializei-me em Terapia Analítico-Comportamental pela Faculdade de Santo André (FASA) em São Paulo, em 2018.

Em 2017, fui aprovada em um concurso público e tomei posse na Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) do município de Machadinho D'Oeste, em Rondônia, como psicóloga técnica de referência da política de assistência social. Minhas principais atribuições neste cargo se referem à prevenção de violências e à garantia de direitos na sociedade.

Em 2022, tornei-me presidente do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres (CMDM), bem como integrante do Conselho Municipal de Assistência Social (COMAS) e da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC).

Diante de tais experiências, tornei-me uma pessoa dedicada a entender fenômenos psicológicos relacionados a grupos e indivíduos. Logo no início do meu trabalho como psicóloga, tive a oportunidade de conhecer a população ribeirinha denominada “Vila Tabajara”, em uma ação da SEMAS para a entrega de cestas básicas. Ali, iniciou-se um desejo de entender os costumes, histórias e percepções da realidade dessa comunidade, principalmente em relação à possível construção da Usina Hidrelétrica Tabajara. O projeto de construção da usina está no papel e, caso venha a ser construída, extinguirá a referida vila.

Durante a graduação em psicologia, participei de eventos de iniciação científica, e naquele momento despertou em mim um desejo pela pesquisa e o sonho de continuar a vida acadêmica. Desde então, busquei crescimento pessoal e profissional por meio de qualificações e experiências no mercado de trabalho. Atualmente, sou aluna do programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), o que me permite caminhar em direção ao meu desejo de continuar no universo acadêmico, com o intuito de aprimorar minhas habilidades em pesquisa, escrita e pensamento crítico, bem como contribuir

no meio acadêmico com produções científicas referentes às perspectivas de grupos e/ou comunidades que muitas vezes são esquecidas ou desvalorizadas frente ao desenvolvimento econômico, o qual muitas vezes desconsidera questões sociais, culturais e ambientais, que marca a região amazônica nas últimas décadas.

## 1 INTRODUÇÃO

Ribeirinhos são povos da floresta, assim como os indígenas e outros povos, que possuem um estilo de vida voltados a conexão harmoniosa e de respeito com o meio ambiente em que vivem, compreendem os rios e floresta não apenas como espaços geográficos, ou apenas como fonte para sua subsistência, mas veem o território como uma extensão de sua própria identidade cultural e espiritual (Ribeiro, 1995).

Os povos ribeirinhos obtêm seu sustento principalmente de atividades relacionadas aos rios, como a pesca, utilizando principalmente barcos e jangadas como meios de transporte. Como povos cujas vidas estão intimamente ligadas às águas, o rio representa um importante símbolo para as comunidades ribeirinhas, conferindo ao termo "ribeirinho" uma identidade sociocultural para grupos estabelecidos às margens dos rios e que, a partir disto, desenvolveram relações socioculturais nesse ambiente, que lhes são tradicionais e caracterizam singularmente seu modo de viver (Fernandes; Moser, 2021).

Para Lira e Chaves (2016), há na base da estrutura das comunidades ribeirinhas uma grande valorização da relação de respeito entre homem e natureza. Isso ocorre porque os ribeirinhos não se enxergam como separados da natureza, colocando-se em posição dominante sobre ela. Mas se enxergam como parte da natureza, o que fomenta uma coexistência harmoniosa nessa relação, possibilitando um manejo do ambiente sem degradação dos recursos naturais, permitindo uma gestão sustentável desses recursos com base em seus conhecimentos tradicionais e práticas ancestrais.

Apesar da riqueza e complexidade da perspectiva ribeirinha sobre a relação com o ambiente e a identidade cultural, foi desafiador encontrar autores ribeirinhos na literatura acadêmica. A maioria dos trabalhos disponíveis na área tem se concentrado mais em autores indígenas, refletindo uma predominância de estudos focados nessas populações. A escassez de autores ribeirinhos na literatura pode ser atribuída à falta de reconhecimento e visibilidade dessas comunidades nos debates acadêmicos predominantes. Isso ressalta a necessidade urgente de expandir a pesquisa e promover a inclusão de perspectivas ribeirinhas, garantindo que suas experiências e conhecimentos sejam adequadamente representados e considerados

no contexto das discussões sobre desenvolvimento, conservação e direitos socioambientais.

Conforme o Decreto nº 6.040, de 7 de janeiro de 2007, povos e comunidades tradicionais seriam grupos culturalmente diferenciados, detentores de organizações sociais específicas estabelecidas dentro de suas relações, que desenvolvem estratégias de organização comunitária e ocupam seus territórios ao realizar o manejo de ecossistemas de forma sustentável. A condição primordial desses povos e comunidades seria a de sobrevivência e perpetuação de seus conhecimentos nas esferas socioculturais, religiosas e econômicas, consolidadas através de suas tradições e conhecimentos ancestrais. Alguns exemplos destas comunidades são os povos indígenas, quilombolas, ciganos, ribeirinhos, pescadores artesanais, ilhéus, caiçaras, extrativistas, faxinalenses, geraizeiros, caatingueiros, raizeiros, pomeranos, morroquianos, vazanteiros, veredeiros, pantaneiros, comunidades de terreiro, entre outras, seriam assim compreendidas como “comunidades tradicionais”.

No Brasil, a autodeterminação de qualquer pessoa sobre o pertencimento a uma etnia ou cultura específica é suficiente para classificá-la como pertencente a um povo ou comunidade tradicional, sendo dispensáveis características físicas, corporais ou territoriais para atestar determinada identidade cultural. Tal medida está prevista na Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho, a fim de respeitar e acatar os pontos de vista das diferentes etnias (Brasil, 2019a).

Com exploração dos rios da região amazônica deixou heranças para o processo de povoamento do Brasil. Com o fluxo imigratório, várias comunidades foram se organizando às margens dos rios. Os rios tiveram um grande papel na história da constituição do estado brasileiro, tanto por ter possibilitado as primeiras ocupações e colonizações territoriais, como por terem garantido a exploração, o uso e o escoamento de insumos. A produção de energia elétrica, por exemplo, tem sido utilizada como justificativa para a construção de usinas hidrelétricas (UHE) na região amazônica.

Os ribeirinhos representam uma parcela vulnerável da população e, com a perspectiva da construção de uma usina hidrelétrica em seus territórios, surgem discussões sobre os impactos socioambientais associados a essa construção. Ailton Krenak (2019), em sua obra “*Ideias para adiar o fim do mundo*” ressalta como a modernidade tem ameaçado as formas de vida da floresta, onde a valorização econômica tem se sobressaído frente aos valores desses povos, e como a destruição

dessas áreas tem impactado diretamente a sobrevivência, a cultura e a identidade desses povos.

Conforme Magalhães e Cunha (2017), o relatório produzido pela Comissão Especial de Atingidos por Barragens, em 2010, concluiu que a implantação de barragens no Brasil tem ocasionado graves violações de direitos humanos, em um padrão nacional recorrente. Isso implica que, ao ocorrerem essas graves violações de direitos humanos no contexto da construção de usinas hidrelétricas no território amazônico, as populações ribeirinhas são gravemente afetadas pelas violações e pelas consequências socioambientais desses projetos. Esse fator pode desequilibrar profundamente o modo de vida das comunidades, podendo até mesmo, devido à grande instabilidade causada em seus territórios, torná-las suscetíveis à extinção.

De acordo com o Plano Nacional de Energia, nas últimas décadas a Ásia e a América Latina vêm se destacando no campo da produção de energia hidrelétrica. Juntas, a produção dessas duas regiões chegou a corresponder a 31% da capacidade instalada de energia hidrelétrica de todo o mundo (Brasil, 2007b). A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) concebe a UHE como uma possibilidade de produção e utilização de energia por meio de uma fonte renovável (os rios), de baixo custo operacional e que gera empregos e outros benefícios em potencial. Entretanto, a EPE reconhece suas desvantagens quando considerados os impactos ambientais e sociais, assim como o elevado investimento financeiro. Cada projeto de construção de UHE possui suas peculiaridades e pode apresentar maiores vantagens e desvantagens a depender do local de sua construção. Por esse motivo, é imprescindível avaliar cuidadosamente cada projeto (Brasil, 2007b).

Por várias décadas as UHE têm sido a principal forma de produção de energia elétrica no Brasil. Isso acontece pela grande quantidade e qualidade de rios brasileiros. A bacia hidrográfica da Amazônia é considerada o maior potencial de produção de energia hidrelétrica do Brasil. Mas, ao mesmo tempo, é a região que apresenta as maiores preocupações socioambientais para a instalação de uma UHE, pois grande parte deste potencial está situada em regiões socio e ambientalmente vulneráveis, como territórios indígenas, áreas de preservação e áreas já bastante afetadas por ocupações antrópicas (humanas) (Brasil, 2007b).

Nas últimas décadas, foram construídas diversas barragens na região amazônica e “os planos para construções futuras são tremendos, embora os números apresentados por vários relatos oficiais e não oficiais variem muito” (Fearnside, 2019,

p. 70). Tem-se observado que, diante da construção de barragens e UHE no Brasil, pouca consideração tem sido dada às comunidades viventes no território de construção desses empreendimentos (Fearnside, 2019). Por esse motivo, é imprescindível que se realizem estudos socioambientais fidedignos, com o intuito de minimizar os danos que tais construções podem causar (Brasil, 2007b).

Atualmente, há um projeto de construção da UHE de Tabajara, no rio Ji-Paraná, afluente do rio Madeira, localizado no município de Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, região norte do Brasil. O projeto prevê que, se construída, a usina teria uma capacidade de produção energética estimada de 400 megawatts (MW) e produção firme de energia de 234,99 MW em média, operando no modelo "a fio d'água". O projeto de construção dessa UHE foi incluído como um dos projetos selecionados para serem construídos nos próximos dez anos, segundo o Plano Decenal de Expansão de Energia Elétrica (Brasil, 2007b). Além disso, o projeto de construção da usina foi considerado qualificado no Programa de Parcerias de Investimentos (PPI), através do Decreto nº 10.116, de 19 de novembro de 2019, para auxiliar no processo de licenciamento ambiental e em outras medidas necessárias para tornar a construção viável. Neste momento, o plano de construção está em análise para verificar sua viabilidade do ponto de vista social e ambiental. Cabe ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), por ora, a análise dos estudos apresentados e a tomada de decisão em relação à emissão da Licença Prévia, a qual comprova a viabilidade da construção da UHE e estabelece os requisitos básicos para as próximas fases (Brasil, 2022).

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Diante do processo histórico de construção de UHEs no Brasil, têm se tornado cada vez mais evidente que as comunidades ribeirinhas tem sido fortemente afetadas, tanto pela falta de diálogo, instruções e esclarecimentos sobre os projetos de construção de UHE em seus territórios. As vozes dessas comunidades também têm sido desconsideradas durante e após a implementação dos projetos de construção de UHE (Rainey; Rainey, 2016).

Um exemplo claro dessa desconsideração foi a construção da UHE de Belo Monte, em Altamira, no Pará, região norte do Brasil. Lá, ribeirinhos foram retirados de suas casas e "compensados" com moradia em conjuntos habitacionais, mas passam

por dificuldades econômicas e sociais (Souza, 2018). A construção da Usina de Belo Monte trouxe consequências devastadoras para a população local, incluindo a perda de modos de vida tradicionais, a deterioração das condições de vida e a falta de apoio às comunidades, que tiveram que sair de suas moradas e buscar se adaptadas em outro território (Brum, 2019). Outro exemplo foram as construções das UHE Jirau e Santo Antônio em Rondônia. Nestes casos, as comunidades que não se enquadraram como moradoras de áreas afetadas pelos Estudos de Impacto Ambiental (EIA) ou Relatórios de Impacto Ambiental (RIMA) das referidas usinas não receberam compensações e/ou auxílio para relocação (Rainey; Rainey, 2016).

Frente a possível construção da UHE Tabajara, a comunidade ribeirinha situada na vila Tabajara corre o risco de ser atingida ou até mesmo extinta (Oliveira; Jardim, 2015). Na contramão do processo histórico de negligência e desconsideração das vozes das comunidades diante das construções hidrelétricas, esta dissertação de mestrado emerge como desfecho de um projeto de pesquisa que possibilitou uma escuta de moradores da vila Tabajara. A pesquisa se propôs a reconhecer seus lugares e posicionamentos discursivos, oferecendo uma oportunidade de expressão de suas perspectivas.

Membros de comunidades ribeirinhas, frequentemente sofrem com discriminação, preconceitos e perseguições de grupos que buscam exclusivamente o lucro financeiro. Isso significa que essas comunidades têm dificuldades em ter seus direitos respeitados e suas tradições culturais mantidas. Com efeito, a exclusão social, o sofrimento e a marginalização dos ribeirinhos são parte de um processo histórico e estrutural recorrente, no qual esses grupos, ao longo de sua trajetória, raramente foram considerados como iguais, reconhecidos como detentores de direitos e respeitados como tal. Diante disso, as instituições de assistência social têm o desafio de desenvolver políticas públicas que não apenas considerem a cultura desses grupos, mas também garantam a efetiva proteção e respeito aos seus direitos, conforme previsto em lei (Brasil, 2012). Nesta direção, os achados compartilhados nesta dissertação de mestrado servem de base para um diagnóstico socioassistencial para a política de Assistência Social do município de Machadinho D'Oeste, responsável pela assistência social da vila Tabajara. Diagnósticos socioassistenciais são fundamentais para subsidiar políticas públicas que valorizem as perspectivas regionais, ou seja, a realidade de cada território e dos sujeitos que ali habitam (Brasil, 2012).

A região amazônica possui recursos naturais imensuráveis, e tais riquezas atraem os mais diversos tipos de empreendimentos que visam o desenvolvimento econômico para o estado. Diante disso, e o atual cenário capitalista brasileiro é comum que esses empreendimentos aconteçam, no entanto, é fundamental pensar em estratégias a fim de minimizar impactos relacionados as questões sociais e ambientais. É essencial que sejam elaboradas políticas públicas que conheçam as necessidades dos povos que habitam essa região, que seja fortalecido instrumentos da democracia, como os conselhos de garantia de direitos e outros, fortalecendo a participação social, junto as tomadas de decisões que impacta diretamente essas comunidades.

Com a atuação da pesquisadora principal do presente projeto de pesquisa como técnica de referência de assistência social do município de Machadinho D'Oeste desde 2017, bem como integrante de conselhos municipais de garantia de direitos, observou-se ao longo dos últimos anos que a participação social nas tomadas de decisão neste município acontece de forma precária.

A maioria das pessoas não têm conhecimento sobre os Conselhos e o funcionamento das políticas públicas, como a política de assistência social. Essa falta de informação pode contribuir para a fragilidade do sistema democrático no município, pois impede que os cidadãos participem ativamente na construção e fiscalização de seus direitos. No entanto, o respeito aos direitos vai além da simples participação nos Conselhos, a efetivação deles também depende da atuação dos trabalhadores da ponta e dos gestores que organizam o sistema. Se esses profissionais não estiverem devidamente informados e comprometidos com a garantia dos direitos, podem acabar burocratizando/problematizando ou até negando o acesso a eles. Outro fator importante que podem contribuir para a fragilização do sistema democrático é ausência de políticas educacionais voltadas para a formação cidadã.

Como profissional técnica de referência da política de assistência social no município, em 2018 participei de uma reunião com o Ministério Público de Rondônia e a empresa responsável pelo projeto de construção da usina hidrelétrica (UHE) em Tabajara. Na ocasião, a empresa solicitou à prefeitura estudos para avaliar os impactos da usina no município e pensar em possíveis compensações para o município.

Diante dessa demanda, percebi que o município ainda está despreparado para lidar com os impactos caso a usina seja construída. E que seria necessário um

diagnóstico elaborado por profissionais qualificados e empresas especializadas para mitigar os possíveis riscos sociais, ambientais, estruturais e muitos outros.

Em 2019, uma audiência pública foi realizada para avaliar a opinião dos moradores sobre a construção da usina. No entanto, devido à pandemia, a audiência foi realizada de forma virtual, o que comprometeu a efetiva participação da comunidade, nem sempre com acesso a internet. Por isso, o Ministério Público decidiu que aquela audiência não seria válida.

Atualmente a população local está dividida entre os que desejam a construção da usina e os que temem que isso prejudique a tranquilidade que Machadinho D'Oeste oferece. Até o presente momento (primeiro semestre de 2024), a construção da usina permanece estagnada devido a questões relacionadas às licenças ambientais. Moradores da vila Tabajara relatam publicamente que em nenhum momento foi realizada alguma tentativa de diálogo sobre o projeto de construção da UHE e consequências de sua implementação, tanto dos idealizadores do projeto de construção da UHE, da empresa responsável pelo possível empreendimento, quanto por parte de instituições governamentais.

Diante do exposto, essa dissertação pretende contribuir para as políticas de assistência social do município de Machadinho D'Oeste, uma vez que documenta as perspectivas e os desafios enfrentados pela comunidade ribeirinha da vila Tabajara. Os resultados aqui compartilhados contribuem para uma compreensão de dinâmicas sociais, culturais e ambientais que cercam a vida das comunidades ribeirinhas; e para a construção de estratégias mais eficazes de diálogo e participação social no processo de tomada de decisão em relação a projetos de grande impacto socioambiental, como os de construção de uma UHE.

Os achados aqui apresentados e discutidos também poderão contribuir com as práticas de conselhos municipais de garantia de direito como, por exemplo, o Conselho Municipal de Assistência Social (COMAS). O Anexo C é um diagnóstico socioassistencial direcionado ao COMAS de Machadinho D'Oeste, que abrange a vila Tabajara. A participação dos moradores da vila Tabajara na pesquisa aqui apresentada e na discussão sobre o projeto de construção da UHE em sua territorialidade fortalece a participação social e a democracia, contribuindo para a construção de uma política mais inclusiva e democrática no município.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

O objetivo desta pesquisa foi analisar os efeitos de sentido produzidos pela materialização de discursos em uma comunidade ribeirinha sobre seu estilo de vida e sobre a possível construção de uma usina hidrelétrica em sua territorialidade.

### 1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos foram:

- Descrever os processos de subjetivação e identificação de moradores da vila Tabajara em relação à nomeação “ribeirinho”;
- Compreender os efeitos de sentidos atribuídos ao projeto de construção de uma usina hidrelétrica em sua territorialidade;
- Analisar os posicionamentos discursivos de moradores da vila Tabajara sobre a possível construção de uma usina hidrelétrica em sua localidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 INTRODUÇÃO À ANÁLISE DE DISCURSO

A fim de compreender o contexto e os fundamentos teórico-metodológicos apresentados neste projeto de pesquisa, é essencial entendermos com clareza o que é Análise de Discurso materialista e seu funcionamento. Aqui, a mesma será referida como Análise de Discurso (AD). A base para a construção deste referencial teórico-metodológico é o livro "*Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*" (Orlandi, 2015). Este livro oferece uma perspectiva interessante e consistente sobre linguagem, subjetividade, história e ideologia, conceitos centrais para a AD. O livro é dividido em três partes: (1) "O Discurso", (2) "Subjetividade, História, Linguagem" e (3) "Dispositivo e Análise". Por fim, a autora finaliza com uma "Conclusão" onde faz um entrelace de toda a exposição apresentada nas três partes.

Para Orlandi (2015, p. 20), estudiosa e tradutora da obra do filósofo francês Michel Pêcheux (1938–1983), considerado um dos fundadores da AD, o discurso é definido como "efeitos de sentido entre locutores". Portanto, discurso, por definição, é da ordem do social. A AD interessa pelos processos de produção de discursos e seus efeitos de sentido. A AD não se preocupa com o verdadeiro ou falso do discurso, nem tão pouco se está correto ou errado em sua forma gramatical. Toma o discurso como uma materialidade linguística, histórica e social que emerge via processos de significação, ou seja, produz efeito de sentidos.

Louis Althusser (1985) introduziu o conceito de Aparelhos Ideológicos do Estado na AD, que são instituições como escolas, igrejas, meios de comunicação e famílias através das quais a ideologia se espalha e os indivíduos são interpelados como sujeitos. Althusser (1985) argumentou que a ideologia não é apenas uma coleção de ideias falsas ou ilógicas, mas um sistema de representações que reproduz as condições de produção social. Ele enfatiza que a materialidade da ideologia, afirmando que ela se manifesta através de práticas e instituições sociais, moldando as identidades e visões de mundo dos indivíduos (Althusser, 1985).

Louis Althusser (1985), ao introduzir o conceito de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), ampliou a compreensão de como a ideologia opera na sociedade. Segundo Althusser (1985), instituições como escolas, igrejas, meios de comunicação e famílias são fundamentais na disseminação da ideologia e na interpelação dos

indivíduos como sujeitos. Em sua visão, a ideologia não é meramente um conjunto de ideias falsas ou ilógicas, mas um sistema de representações que reproduz as condições de produção social. Ele destaca a materialidade da ideologia, argumentando que ela se manifesta através de práticas e instituições sociais que moldam as identidades e visões de mundo dos indivíduos. Essa abordagem de Althusser pode ser compreendida como uma ampliação da análise marxista da ideologia. Marx inicialmente abordou a ideologia como um reflexo das condições materiais e das relações de produção, mas Althusser desenvolveu a ideia ao enfatizar o papel das instituições sociais na reprodução dessas condições. Em vez de ver a ideologia apenas como uma superestrutura que reflete a base econômica, Althusser a vê como um sistema ativo e materialmente constituído que também contribui para a reprodução das condições sociais e econômicas. Portanto, ao retornar à obra de Marx, Althusser (1985) oferece uma visão mais detalhada de como as ideologias são operacionalizadas e mantidas através das práticas e instituições sociais, fornecendo uma perspectiva mais rica sobre a relação entre ideologia e estruturas sociais.

A AD se constituiu no contexto das questões geradas pela relação de três domínios disciplinares: a Linguística, a Psicanálise, e o Marxismo. No entanto, não se pode considerar que AD é apenas com a simples combinação dessas áreas, pois possui uma identidade própria, trazendo consigo um novo objeto de interesse “o discurso” e seu funcionamento. Um equívoco é reduzir a AD apenas a prática da linguagem, embora essa área lhe seja importante, contudo, principalmente ela trata do discurso, que tem dimensões históricas e sociais. Em outras palavras, é através da linguagem, da historicidade e de outros recursos simbólicos que o discurso se torna material e concreto, funcionando assim na produção e legitimação de sentidos (Orlandi, 2015).

Diferentemente da Psicanálise, a AD não é uma teoria que tem como objetivo explicar o psiquismo humano ou como a mente funciona. A AD se interessa pelos efeitos de sentido e como eles se produzem. Olha para a Linguística não somente como um conjunto de códigos criados para a expressão humana, mas busca compreender como os sentidos para esses códigos (palavras, símbolos, letras...), se constituem e qual seu funcionamento. O Marxismo tem seu olhar para as estruturas econômicas e nas relações de classe como principais determinantes da vida social, já a AD se interessa nos processos de significação, na produção e no efeito de sentido das práticas sociais. Os dois apresentam interesse na ideologia e poder, mas cada

um articula tais temas a partir de perspectivas teórico e metodológicas diferentes (Orlandi, 2015).

A análise de discurso se interessa em compreender como os processos de significação se constroem, e nos permite compreender como as interpretações são construídas, e nos permite entender como nossas próprias interpretações se constroem, bem como pode nos revelar outras interpretações possíveis (Orlandi, 2015).

Pensar a linguagem a partir da AD é pensar num sistema de produção de discursos. Assim, a linguagem não seria uma mera transmissão de códigos, utilizados para comunicação. Para a AD, não há literalidade, pois os efeitos de sentido são dependentes dos interlocutores que participam do processo de produção discursiva. Os efeitos de sentido não nascem com as palavras e não estão colados nelas. São produções de um determinado contexto sócio-histórico. Quando falamos sobre texto em AD estamos falando de uma forma material na qual o discurso se apresenta, uma superfície linguística com a qual é possível ter contato por meio de escritos (palavras), de falas (sons), de imagens, por exemplo. Uma análise discursiva visa ir além da superfície linguística e compreender os processos e as condições de produção de tal superfície, assim como os efeitos de sentido possíveis que se constituem a partir dela. A historicidade se refere ao processo histórico de produção de sentidos que atravessam as materialidades linguísticas.

É preciso pensar como discurso como efeito de sentidos, no senso comum tem-se a impressão de que as palavras já nasceram com seu sentido atribuído. Isso não deixa de ser verdade. Porém, uma vez que não há literalidade para a AD, não há um sentido pré-estabelecido em discurso algum. Por exemplo, quando uma criança faz algo que desagrade seus pais, em certos contextos é comum que os pais digam para a criança: “bonito, hein!?”. Nesse exemplo, a palavra “bonito” não é usada para falar uma beleza “literal”, mas expressa o descontentamento dos pais para com atitude da criança. Ou seja, os pais não acharam nada “bonito” o que a criança fez. O “bonito, hein!?”, portanto, diz sobre algo que é oposto a ideia de beleza ou de bonito num sentido “literal” e se aproxima da noção de feiura, de algo da ordem do errado ou a se evitar. Esse pequeno exemplo ilustra como discursos produzem sentidos que vão além da literalidade.

A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdo. A linguagem apresenta uma condição de incompletude, nem sujeito nem sentidos estão totalmente

completos, prontos. E é nessa incompletude que se encontra a abertura para o simbólico, pois “a falta é também o lugar do possível” (Orlandi, 2015, p. 29).

## 2.2 EFEITOS DE SENTIDO

O discurso é, por definição, “efeito de sentido entre locutores” (Orlandi, 2015, p. 20). Um exemplo de produção de efeito de sentidos ocorreu quando observei a identificação de banheiros de uma lanchonete próxima de minha casa. No lugar das tradicionais indicações "Feminino" e "Masculino", o estabelecimento optou por utilizar adesivos com a simples sílaba "BLA", na porta do banheiro masculino, e "BLA, BLA, BLA, BLA" na porta do banheiro feminino. Interessante observar, como as pessoas prontamente entendiam qual era a porta para o banheiro feminino e masculino.

Nesse exemplo, existem processos socio-histórico onde se tem um efeito de sentido cultural, de que as mulheres falam mais que os homens. Essa ideia foi sendo repetida ao longo do tempo e, justamente por ser repetida, foi ganhando ares de legitimidade e verossimilhança. O “BLA” é entendido como uma expressão de fala. A ideia de vários "BLAs" entrelaça-se a noção de feminino e, numa lanchonete, funciona como instrução de qual banheiro se deve utilizar. Talvez esse sentido só seja possível uma vez que existam dois banheiros identificados: um com "BLA" e outro com vários "BLAs". Dessa forma, entende-se que uma porta representa o masculino e a outra o feminino. Na Figura 1, podemos observar uma ilustração da porta de banheiros de um bar.

**Figura 1** – Banheiros masculino e feminino de um bar



Fonte: Mayer (2018).

A mudança da identificação dos banheiros da mesma lanchonete citadas no exemplo anterior me chamaram atenção, também por seus efeitos de sentido. Atualmente, a lanchonete possui apenas um banheiro, e em sua porta, uma única placa de identificação, com a figura de um alienígena. A imagem de um alienígena por si só não expressa gênero. Entretanto, alienígenas representam na sociedade uma ideia de desconhecido, sem muitas definições concretas. Cada sujeito pode ter uma ideia diferente sobre o que é um alienígena, pois de fato, não conhecemos um alienígena real. O efeito de sentido atrelado a figura do alienígena se desloca para dar sentido a entrada de qualquer pessoa naquele banheiro. Como se a placa, por si só, fosse capaz de expressar que o referido banheiro seria para qualquer pessoa, independente de suas identificações relacionadas a gêneros. O discurso está sempre em movimento, cheio de possibilidade de interpretações. Não há um discurso único, finito. O discurso está em constante processo de interpretação e compreensão.

### 2.3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DISCURSIVA

A base para compreensão das condições de produção de discursos é olhar para o sujeito sendo constituído (via discurso) pelos seguintes aspectos: o contexto imediato, o processo sócio-histórico, a memória e a ideologia.

O contexto imediato é uma situação mais pontual, onde o discurso é produzido, considerando o quando e por que é produzido. Já as condições de produção sócio-histórico se referem aos elementos fornecidos ao longo da história na sociedade, o que traz de sentido, por exemplo, durante as pesquisas realizadas para a produção desta dissertação.

O contexto imediato refere-se a uma situação mais pontual, onde o discurso é produzido, levando em consideração o momento e as razões para sua produção. Já as condições de produção sócio-históricas se referem aos elementos que emergem ao longo da história na sociedade, influenciando a construção de sentido. No entanto, essas condições de produção não são pré-determinadas; elas são identificadas a partir da leitura e análise do corpus, conforme ocorreu durante as pesquisas realizadas para a produção desta dissertação.

Durante conversas com os participantes desta pesquisa, um dos participantes, quando questionado sobre o que a possível construção da usina hidrelétrica naquela localidade o faz pensar, respondeu: “*Destruição em massa*”. A partir de processos discursivos e de subjetivação que recortam memórias, observa-se como o efeito de sentido produzido em discurso se relaciona ao empreendimento, a usina hidrelétrica, como uma espécie de arma devastadora, que causa grandes impactos, como, por exemplo, bombas nucleares. Esse efeito de arma nuclear se desloca para dar sentido aos aspectos negativos que uma usina hidrelétrica pode trazer para comunidades ribeirinhas, como a enchente do rio, fazendo com que a vila fique submersa, a extinção de algumas espécies de peixes e outros animais, bem como a mudança no estilo de vida ribeirinho, uma vez que a comunidade teria que se mudar da localidade, pois a vila estaria inabitável devido ao alagamento. Essa percepção demonstra uma certa naturalização de efeitos de sentido. Esse processo de naturalização de efeitos de sentido e ocultamento do trabalho de interpretação se dá pela ideologia.

Os processos ideológicos são fundamentais na constituição do sujeito, pois, através do movimento entre a memória e o esquecimento, eles trazem sentido ao sujeito. É inerente aos seres humanos a interpretação, sempre que estamos frente a objetos simbólicos, atribuímos a eles sentidos, via interpretação. Nesse movimento de interpretação, o sentido se apresenta como se sempre estivesse ali, associado a determinado objeto simbólico, como uma cor, por exemplo. Porém, essa interpretação só foi possível pela interpelação da ideologia, mesmo sem nos darmos conta disso. O funcionamento da ideologia faz com que a interpretação nos seja apresentada

como se os sentidos já estivesse lá, como se houvesse uma relação transparente e literal entre as palavras e as coisas do mundo. Assim, podemos dizer que o trabalho da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (Orlandi, 2015, p. 44).

A memória, no âmbito discursivo, refere-se ao conjunto de elementos já ditos e acessíveis ao sujeito. No entanto, é importante distinguir entre memória discursiva, interdiscurso. A memória discursiva abrange tudo o que já foi dito e é recuperado pelo sujeito, enquanto o interdiscurso se refere às formações discursivas preexistentes que atravessam e influenciam os enunciados. Para que seja possível dizer algo é necessário acessarmos a essa trama de dizeres já-ditos, a memória discursiva. “E, nessa perspectiva, ela [a memória] é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que se fala antes, em ou outro lugar independentemente” (Orlandi, 2015, p. 29). Ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra. Nossos dizeres formam famílias parafrásticas, que indicam que o dizer sempre podia ser outro (Orlandi, 2015).

O esquecimento de que o que dizemos sempre poderia ser dito de outra maneira é chamado de esquecimento número 2, na AD. Esse esquecimento traz uma ilusão referencial, produz a impressão da realidade do pensamento. Faz com que tenhamos a impressão que existe uma relação direta entre o pensamento e a linguagem, estabelece uma “relação natural” entre palavra e objeto. De tal forma que acreditamos que nossa expressão só pode ser dita, de determinada maneira e não de outra. Já o esquecimento número 1, ou esquecimento ideológico (pois funciona sob ação da ideologia), faz com que tenhamos a sensação do que foi dito ter a origem em nós mesmos. Entretanto, as palavras e os sentidos não têm sua origem em nós. Sob efeito do esquecimento número 1, temos a impressão de sermos “donos” de “nossas” palavras.

Por isso é que dizemos que o esquecimento é estruturante. Ele é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. As ilusões não são ‘defeitos’, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos ‘esquecem’ que já foi dito - e este não é um esquecimento voluntário - para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras (Orlandi, 2015, p. 33).

Enquanto alguns campos de conhecimento consideram o sujeito como empiricamente consciente ou “dono de si mesmo”, na AD, o sujeito é constituído pela ideologia, que se materializa em práticas sociais, influenciando a linguagem, a história e o imaginário. Dessa forma, o sujeito tem acesso apenas a fragmentos do que diz. O sujeito aqui também não é uma forma de subjetividade, nem tão pouco um indivíduo propriamente dito. O sujeito é uma “posição” ocupada para dizer. Por exemplo, um mesmo indivíduo durante seu dia a dia pode ocupar várias posições simbólicas quando fala, como por exemplo, a posição de pai, filho, professor e outros. Ao falar, o sujeito se posiciona e atribui posições a seus locutores. É importante lembrar que para a AD a noção de sujeito é entendida como sujeito discursivo e não empírico, ou seja, não se trata do sujeito José, Paulo ou Maria, e sim de um sujeito discursivo construído através das histórias, do lugar social e através dos processos ideológicos.

A AD nos proporciona um aparato teórico-metodológico para compreender a produção de sujeitos e sentidos a partir do funcionamento de discursos. Com AD também é possível analisar as condições de produção de discursos e, a partir daí, praticar uma escuta menos automatizada, menos literal. Por meio dessa prática de análise discursiva, há possibilidade de se revelar o trabalho da ideologia e compreender como interpretações são construídas e naturalizadas (Qual [...], 2022).

## 2.4 MOVIMENTOS DE ANÁLISE

É importante que analistas de discurso olhem para o texto como uma superfície linguística. Nessa superfície, há “vestígios”, “pistas” dos processos de significação tecidos via um processo sócio-histórico. É trabalho do analista buscar tais vestígios e pistas, atentando-se para sua filiação teórico-metodológica na AD para que não se confunda tal trabalho com uma análise conteudista ou linguística de um texto.

O principal foco da AD é compreender os processos pelos quais um objeto simbólico produz sentidos. O primeiro movimento analítico para essa compreensão é a delimitação do *corpus* a ser analisado. O *corpus* vai além da superfície linguística, se encontra na passagem que o analista faz desta superfície para o objeto discursivo.

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o *corpus* bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a

impressão de 'realidade' do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas (Orlandi, 2015, p. 64).

A partir desse primeiro movimento analítico que permite a passagem da superfície linguística para objeto discursivo, é possível desenvolver a análise, que também por vestígios e pistas, passamos do objeto discursivo para os processos discursivos.

Nessa nova passagem, agora do objeto para o processo discursivo, passamos ao mesmo tempo do delineamento das formações discursivas para sua relação com a ideologia, o que nos permite compreender como se constituem os sentidos desse dizer (Orlandi, 2015, p. 65).

Enquanto analistas do discurso precisamos compreender que quando lemos uma frase nosso objetivo não estamos em busca de uma literalidade ou do que o texto "quer dizer". A AD, como uma disciplina que articula diferentes campos do saber, nos ajuda a compreender o funcionamento de objetos simbólicos na produção de efeitos de sentido. Olhar para além da escrita, olhar para os efeitos de sentido.

### 3 MÉTODOS

#### 3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

A presente dissertação é resultado de uma pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa torna possível estudar e compreender fenômenos socioculturais, estilos e formas de vida (Flick, 2008), além de facilitar o estudo de significados, opiniões e perspectivas construídas a partir das experiências de vida de pessoas (Yin, 2016). Bem como os *princípios e procedimentos da análise de discurso* (Orlandi, 2015) foram tomados como o principal referencial teórico-metodológico desta dissertação.

#### 3.2 LOCAL DE ESTUDO

O estudo foi realizado na vila Tabajara, localizada no interior da Amazônia ocidental, no município de Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, região norte do Brasil. Essa vila se conecta com a zona urbana do município Machadinho D'Oeste por uma estrada não asfaltada, a uma distância de 90 quilômetros.

Tabajara é uma vila histórica localizada na região norte do estado, desde quando Rondônia ainda era conhecida como Território Federal do Guaporé. Estima-se que a vila Tabajara tenha mais de cem anos de existência, sendo mais velha que o próprio município de Machadinho D'Oeste. Situada às margens do rio Ji-Paraná, que liga as principais cidades de Rondônia à capital do estado, Porto Velho, o surgimento da vila Tabajara se deu pela construção de um pequeno porto fluvial conhecido como “2 de Novembro”, um importante meio de escoamento da borracha produzida na região. Na vila, encontram-se construções históricas como a igreja católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Figura 2), cujo sino de cobre é datado de 1913 (Machadinho D'Oeste, 2023).

**Figura 2** – Igreja Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, situada na vila Tabajara, em Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, região norte do Brasil



**Fonte:** Machadinho D'Oeste (2023).

Atualmente, o Porto 2 de Novembro encontra-se desativado para o comércio e só é utilizado para desembarque de pequenas embarcações de pesca recreativa. Tabajara é hoje uma vila singela, esquecida pelo tempo e de pouca importância comercial. Porém, é rica em histórias, belezas naturais e na cultura de sua pequena população ainda existente (Machadinho D'Oeste, 2023).

A vila é formada por ruas que receberam popularmente o nome de peixes típicos da fauna local. Conta com apenas uma escola: a Escola Municipal Padre Ângelo Cerri, que oferece ensino fundamental. Atualmente, há apenas uma unidade que de saúde na vila, que é utilizada para atendimentos de atenção básica (Machadinho D'Oeste, 2023). Na Figura 3 é possível ter uma vista panorâmica da vila Tabajara.

**Figura 3** – Foto da vila Tabajara, situada na zona rural da cidade Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, região norte do Brasil



**Fonte:** Maior [...] (2022).

A influência da vila Tabajara foi significativa para o início da formação da cidade de Machadinho D'Oeste. Isso se deve ao fato de que Tabajara já possuía um porto fluvial que conectava outras cidades de Rondônia a Porto Velho, antes mesmo da construção da BR 364, rodovia que atualmente é o principal acesso entre os demais municípios de Rondônia a Porto Velho e outros estados, como por exemplo Mato Grosso.

O potencial de crescimento de Machadinho D'Oeste ganhou força ao longo dos anos com os rumores sobre a construção de uma hidrelétrica na vila Tabajara. Essa expectativa atraiu pessoas de todo o país por mais de 40 anos e, ainda hoje, atrai novos habitantes (migrantes) para a região.

Apesar de a principal atividade econômica da cidade ser a agricultura familiar, a pecuária e a produção de leite, a crescente produção de soja tem impactado consideravelmente a economia local. No entanto, Machadinho D'Oeste ainda enfrenta desafios estruturais significativos. A cidade carece de rede de saneamento básico, possui um hospital de pequeno porte e enfrenta outras dificuldades comuns nas cidades do interior de Rondônia.

### 3.3 UMA BREVE HISTÓRIA DO ESTADO DE RONDÔNIA

Rondônia começou a ser explorada com a finalidade de expandir os territórios colonizados por Portugal, por meio de expedições na região norte do Brasil. Devido a densa floresta amazônica encontrada no norte brasileiro, Portugal encontrou dificuldades de transitar pelo território e usufruir de seu potencial. A partir de então iniciou-se diversas expedições para desbravamento da região, como por exemplo a comandada por Antônio Raposo Tavares, em meados de 1650, e a ocupação dos territórios pelos colonos jesuítas na mesma época, com a finalidade de catequizar os povos indígenas que lá habitavam. Entretanto, foi somente mais tarde, por volta de 1900, durante o “boom da borracha”, importante ciclo econômico que marcou a região norte do Brasil, que houve um crescimento econômico significativo na região.

Outro acontecimento marcado pelo “boom da borracha”, foi o Tratado de Petrópolis, firmado em 1903, que definiu o território do Acre como parte do Brasil, em disputa com a Bolívia. A partir de então, como uma das responsabilidades firmadas neste tratado, o Brasil se tornou responsável pela construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, uma ferrovia que possibilitaria o escoamento de matéria-prima para a produção de borracha pelos territórios, ligando Porto Velho a Guajará-Mirim. A construção da ferrovia iniciou em 1907 e foi concluída em 1912 (Théry, 2012).

A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré ocasionou um crescimento populacional considerável, pois, além da instalação da empresa responsável pela construção no local, a Madeira-Mamoré Railway Company, houve uma grande migração de pessoas para a região para trabalhar na obra. Porém, depois de pronta, a ferrovia nunca obteve êxito em sua finalidade. Além de sua construção ter ocasionado grandes dívidas ao governo, houve uma diminuição na demanda pela borracha da Amazônia, principal matéria-prima utilizada para fins econômicos na época, tornando insustentável mantê-la em pleno funcionamento, o que levou a sua desativação posteriormente (Théry, 2012).

Nesse período, ainda, ocorreu na região a descoberta de um minério abundante e muito lucrativo chamado cassiterita, fato que atraiu muitas pessoas, os chamados garimpeiros, em busca de riquezas na exploração das jazidas de minérios locais. Entretanto, após a descoberta dessas riquezas pelas grandes indústrias mineradoras, elas passaram a explorar a região fazendo o uso de maquinários tecnológicos, o que possibilitou uma maior produção comparado à produção manual

realizada pelos garimpeiros. Conseqüentemente, muitos garimpeiros saíram da região, fato que ocasionou queda na movimentação econômica local. Isso teve conseqüências imediatas, como o esvaziamento de grande parte da população, levando Rondônia ao iminente declínio mais econômico. Assim, durante um longo período, com a baixa demanda pela borracha e a ferrovia inutilizável, a economia permaneceu estagnada (Théry, 2012).

Foi somente na década de 1960, com a abertura da rodovia BR-29, atual BR-364, que esse cenário passa a ser modificado. Essa rodovia permitiu o desenvolvimento do estado, pois expandiu o fluxo demográfico da região, facilitando o seu acesso e permitindo que as pessoas se estabelecessem lá, garantindo sua subsistência básica e possibilitando o crescimento populacional e o maior desenvolvimento econômico no território de Rondônia (Théry, 2012).

O crescimento populacional se deu principalmente devido à chegada de imigrantes à região, o que causou a sobrecarga da administração local. Por isso, foram designados agentes administrativos federais para administrar as demandas da área, como a Superintendência das Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Ao abordar a questão da colonização do estado, nota-se que o INCRA tem grande relevância, pois viabilizou a distribuição de terras no território, considerando que a colonização pública federal ficou a seu cargo. Essa distribuição de terras foi realizada através da criação de três Projetos Integrados de Colonização (PIC), pelos quais foram determinadas as áreas de colonização oficial, cujos lotes eram estabelecidos e distribuídos à população recém-chegada, destinados à instalação de famílias que deveriam se dedicar a prática da agricultura tradicional, a fim de desenvolver a economia do estado (Théry, 2012).

O território de Rondônia passou assim a ser sustentado majoritariamente por atividades como o extrativismo animal, como a caça e pesca; o extrativismo vegetal, como a coleta de castanha-do-pará, extração de borracha natural, madeira e demais produtos extraídos das árvores, folhas, raízes, sumos etc.; e o extrativismo mineral, como a cassiterita, além de atividades agrícolas. Após a criação da BR-364, houve um crescimento nas atividades ligadas à pecuária, que se tornou mais recentemente uma prática dominante no estado, e como conseqüência disso pode-se observar um aumento considerável do desmatamento na região (Théry, 2012).

Nessa breve história, é possível perceber, portanto, que a criação e o desenvolvimento do estado de Rondônia esteve atrelado a um discurso de expansão econômica, com a mercantilização da terra e natureza na região amazônica. Essa visão de desenvolvimento saliente apenas ao uso “produtivo” da terra, sem considerar que os ecossistemas possuem resiliência limitada e que tamanha exploração e mercantilização da natureza podem ocasionar consequências drásticas para a região e a população que ali habita, tais como desmatamento e perda da biodiversidade, degradação dos recursos hídricos e conflitos sociais (Becker, 2005).

### 3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Tabajara é um distrito da cidade de Machadinho D'Oeste, com uma população de aproximadamente 1.407 habitantes em todo o seu território (IBGE, 2022). Entretanto, apenas uma pequena parte da população vive às margens do rio Ji-Paraná, formando assim uma pequena vila “ribeirinha”. A principal atividade econômica da população local é a pesca artesanal e a produção de farinha (Oliveira; Jardim, 2015).

Para a pesquisa aqui realizada, a seleção da amostra se deu pela técnica de amostragem intencional. Essa técnica é amplamente utilizada na pesquisa qualitativa e tem como objetivo selecionar grupos ou unidades específicas (pessoas) que produzam dados relevantes para o tema a ser estudado (Yin, 2016). A amostra foi composta, portanto, de moradores da vila Tabajara com 18 anos ou mais. O tamanho da amostra foi de 19 participantes. Este número não foi estabelecido *a priori*. A pesquisadora principal, por meio da análise de dados das 18 conversas transcritas, verificou a viabilidade do corpus para responder aos objetivos de pesquisa colocadas inicialmente (item 1.2), sem almejar generalizar as resposta para todos os moradores da vila Tabajara.

### 3.5 PRODUÇÃO DE DADOS

#### 3.5.1 Protocolo de pesquisa de campo

O termo “protocolo” tem sido utilizado em pesquisa qualitativa para se referir a um conjunto mais amplo de procedimentos e perguntas do que um “instrumento”, termo comumente utilizado em pesquisas observacionais (Yin, 2016). O protocolo de pesquisa de campo que possibilitou a condução da pesquisa apresentada aqui foi produzido pela pesquisadora principal e debatido numa banca de qualificação de mestrado (Quadro 1). O objetivo deste protocolo de pesquisa de campo foi funcionar como facilitador da interação entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa, oferecendo temas orientadores e perguntas a serem feitas durante uma conversa com os moradores da vila Tabajara. As dimensões A, B e C do protocolo foram pensadas a partir dos três objetivos específicos da pesquisa, apresentados no item 1.2.2.

O protocolo de pesquisa de campo foi elaborado com o objetivo de responder aos objetivos e perguntas de pesquisa desta dissertação. Durante sua construção, foi fundamental adotar uma abordagem que evitasse o direcionamento das respostas dos participantes, permitindo-lhes expressar suas percepções e experiências de maneira espontânea. Para isso, foram formuladas perguntas abertas e não diretivas. Esse formato permitiu que os participantes explorassem temas relevantes para suas realidades, enquanto a pesquisadora atuava como facilitadora do diálogo, sem guiar as respostas.

**Quadro 1 – Protocolo de pesquisa de campo**

<p><b>A. Subjetivação e identificação</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como você se apresentaria?</li> <li>2. Como você se sente morando nesta vila?</li> <li>3. Há quanto tempo você vive na vila Tabajara?</li> <li>4. Para você, que são ribeirinhos?</li> <li>5. Você se considera ribeirinho?</li> <li>6. Como é seu dia a dia na vila?</li> <li>7. Você gostaria que algo no seu dia a dia fosse diferente de como tem sido?</li> <li>8. Você acha que há benefícios de viver na vila Tabajara? Há desvantagens?</li> <li>9. O que poderia ser feito para melhorar a vida dos moradores da vila Tabajara?</li> <li>10. Você gostaria que seus filhos (caso tenha) ou família continuassem morando nesta vila? Porque?</li> </ol>
<p><b>B. Sentidos sobre a possível construção da hidrelétrica</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>11. O que você pensa quando ouve o termo “usina hidrelétrica”?</li> <li>12. Você já ouviu falar sobre a construção de alguma usina hidrelétrica?</li> <li>13. Você já ouviu falar sobre a possível construção de uma usina hidrelétrica na vila Tabajara?</li> </ol>

14. No que essa possível construção da usina te faz pensar?
15. Como você se sente em relação à possibilidade de construção da usina hidrelétrica aqui?
16. Você tem alguma expectativa frente à possível construção dessa usina?
17. Você acha que sua vida mudaria caso a usina fosse construída?

**C. Posicionamento frente à possível construção da hidrelétrica**

18. Você tem alguma opinião sobre a construção dessa usina aqui na vila Tabajara?
19. Se você pudesse escolher, você gostaria que a usina fosse construída? Porque?
20. Você tem alguma preocupação em relação à construção dessa usina?
21. Você acredita que a comunidade ribeirinha deve ter voz ativa na decisão sobre construir ou não a usina?
22. Você acha necessário alguma negociação entre a empresa responsável pela construção da usina hidrelétrica e a comunidade ribeirinha?

**Fonte:** Elaboração própria (2024).

O protocolo de pesquisa de campo serviu como um direcionamento inicial para as entrevistas, facilitando a coleta de dados. Não teve a intenção de esgotar o tema sobre o estilo de vida e a possível construção da UHE na vila Tabajara, mas de promover um diálogo com a comunidade ribeirinha para atender aos objetivos do trabalho (item 1.2). Durante as interações com os participantes, surgiram questões adicionais não previstas no protocolo, tanto para esclarecer pontos das falas dos participantes quanto para otimizar o fluxo da conversa em relação aos objetivos da pesquisa. A flexibilidade no processo foi, portanto, uma característica essencial para garantir a profundidade e a relevância das informações obtidas.

### 3.5.2 Procedimentos de produção de dados

Inicialmente, o sorteio de ruas havia sido considerado como um procedimento inicial para abordar possíveis participantes para a pesquisa, tendo em vista que a vila Tabajara possui um número reduzido de ruas e habitantes. Na rua selecionada, seria escolhida a residência com o menor número de identificação. Em seguida, um membro da família com idade superior a 18 anos seria convidado a participar da pesquisa. No entanto, as primeiras visitas à vila Tabajara mostraram que os moradores não sabiam informar os nomes de suas ruas e a maioria de seus boletos (comprovantes de residência) não possuía nome da rua e/ou as ruas eram identificadas apenas por números. Por esse motivo, bem como pelo número reduzido de ruas, o procedimento produção de fatos se deu utilizando um método de abordagem direta, onde foi escolhida a rua com maior número de residência para

iniciar o estudo, e posteriormente foi realizando visita em todas as residências, batendo de porta em porta.

Os moradores foram então abordados pela pesquisadora principal com uma breve explanação da pesquisa e um convite para a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a leitura do TCLE e o eventual esclarecimento de dúvidas sobre a participação na pesquisa, a pesquisadora iniciou a gravação de áudio da conversa com o morador, com base no protocolo de pesquisa de campo (item .4.1). Caso houvesse mais de um morador presente no momento da visita da pesquisadora, o mais velho fora convidado a participar da pesquisa.

O procedimento de produção de dados ocorreu em três momentos, três visitas à vila Tabajara entre janeiro e março de 2024. No primeiro momento, ao chegar na vila Tabajara foi possível observar que existia muitas casas fechadas e abandonadas, e através de observação e diálogo com os moradores constatou-se que atualmente residem aproximadamente 30 famílias na vila. Muitas dessas famílias possuem residência ou familiares na zona urbana, fora da vila. Também por esse motivo, muitas casas estavam vazias durante as visitas. Quatro conversas foram realizadas nessa primeira visita. Durante as visitas, houve uma notória receptividade dos moradores para com a pesquisadora. A assinatura do TCLE, algumas vezes, teve que ser realizada por meio de impressão digital em tinta para alguns participantes que não sabiam escrever.

Em Rondônia, os seis primeiros meses do ano do ano são marcados por chuvas intensas e repentinas, quase que diariamente, esse fato faz com que as estradas de acesso do perímetro urbano até a vila Tabajara se tornassem intransitáveis para veículos sem tração 4x4. Por esse motivo a visita à vila precisou ser adiada diversas vezes.

No segundo momento, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) de Machadinho D'Oeste disponibilizou um veículo adequado às condições adversas das estradas. Apesar do elevado número de casas vazias, em conversa com os moradores foi constatado que muitas dessas casas foram abandonadas por pessoas que migraram em busca de melhores oportunidades de trabalho ou pela não concretização do projeto de construção da UHE, que muitos acreditavam que traria benefícios econômicos para a região. Oito conversas foram realizadas nessa segunda visita.

No terceiro momento, com a estiagem das chuvas foi possível realizar mais uma etapa de produção de dados, totalizando 19 entrevistas, bem como ressaltar que em todas as ocasiões, os participantes foram informados sobre procedimentos e objetivos da pesquisa, bem como ficou evidente o interesse dos moradores em relação ao tema de possível construção da usina hidrelétrica, sendo esse um tema predominante em suas respostas, independente das perguntas realizadas durante a entrevista. Seis conversas foram realizadas nessa terceira visita.

### 3.6 ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa se baseia nos princípios e procedimentos da Análise de Discurso como referencial teórico-metodológico para análise de dados (Orlandi, 2015). Os principais conceitos mobilizados para a análise apresentada nos resultados e discussão dessa dissertação (item 4) são mobilizados em consonância com sua apresentação no item 2 desta dissertação.

A produção textual do corpus da pesquisa iniciou-se com a gravação em áudio das conversas realizadas com os moradores da vila Tabajara. Essas gravações foram transcritas pela própria pesquisadora utilizando o Google Docs<sup>1</sup>. Para auxiliar na análise qualitativa, foi empregado o software Taguette<sup>2</sup>, que facilitou a organização e codificação dos dados. Como também, as transcrições foram analisadas com base na definição de discurso como “efeitos de sentido entre locutores” (Orlandi, p 20. 2015).

Partindo das transcrições, a pesquisadora buscou compreender as condições de produção, as posições simbólicas (os sujeitos) e os efeitos de sentido a partir dos gestos de leitura produzidos na compreensão das sequências discursivas, com intuito de responder aos objetivos da presente pesquisa (item 1.3). Numa perspectiva discursiva, o dispositivo analítico é construído por meio do contato da pesquisadora com o material de análise, por sua vez produzido conforme o protocolo de pesquisa de campo (item 3.5.1). Como enfatizado por Orlandi (2015), cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formule, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Assim, a especificidade

---

<sup>1</sup> <https://docs.google.com>.

<sup>2</sup> <https://www.taguette.org>.

do dispositivo analítico do presente projeto de pesquisa foi revelada *a posteriori*, ao longo da análise discursiva.

### 3.7 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi executada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), sob o protocolo CAAE: 69282023.1.0000.5498. Os participantes foram incluídos na pesquisa apenas após lerem, concordarem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Anexo A). Uma cópia do TCLE foi entregue a cada participante. Para aqueles com dificuldades de leitura, o conteúdo do TCLE foi lido e explicado, garantindo a compreensão de todos antes da assinatura. No caso de participantes que não sabiam assinar, a assinatura foi realizada por meio de carimbo de impressão digital.

### 3.8 CRITERIOS DE SUSPENSÃO OU ENCERRAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa somente seria suspensa diante da percepção de algum risco ou danos aos sujeitos da pesquisa ou diante de outro estudo que tenha os mesmos propósitos ou que apresente superioridade metodológica.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo de três visitas, ocorreram dezenove entrevistas com moradores da Vila Tabajara. Treze dessas conversas foram com mulheres e seis com homens. As entrevistas ocorreram todas durante o dia, e, nesse momento, a maioria dos homens moradores da casa estava envolvida em atividades de pesca ou agricultura, conforme relatado em conversa com os participantes da pesquisa.

Ao iniciar este gesto de análise, gostaria de salientar que a AD não procura um sentido verdadeiro por trás de seu objeto de análise, mas busca compreender os sentidos possíveis em sua materialidade linguística, histórica e social. Portanto, o que interessa não é a organização linguística de um texto, mas como esse texto organiza a relação entre língua e história por meio dos processos de significação de sujeitos em sua relação com o mundo e consigo mesmos. Como não há discurso fechado em si, finito, o objetivo desta análise não é esgotar os processos discursivos produzidos na comunidade da Vila Tabajara, mas compreendê-los.

Processos de significação são mecanismos pelos quais os sentidos são construídos, ou seja, como se atribuem significados aos elementos do mundo, envolvendo a interpretação e construção de sentidos, essencialmente na comunicação, linguagem, cultura e percepção, permitindo a compreensão e a comunicação dessas experiências. O discurso não é apenas um sistema de signos, mas também práticas sociais ligadas às condições materiais e às relações de poder. Olhar para os processos discursivos produzidos em uma comunidade ribeirinha é olhar para suas histórias, suas condições sociais e materiais impressas em seu dizer.

### 4.1 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Na primeira conversa, ao ser questionado sobre como se apresentaria, um participante "A" responde: "*Como moradora daqui do Tabajara*". Antes mesmo de dizer seu nome, idade, ocupação ou outras características comuns em uma apresentação cotidiana, o participante evoca o lugar onde mora como um elemento constituinte de sua própria descrição. Em seguida, ela acrescenta: "*Sou muito antiga aqui, né, de morador*".

Ao longo da entrevista com o participante "A", seu discurso foi marcado por posicionamentos de autoridade, como se ela representasse a vila. Nos momentos em

que era questionada sobre suas opiniões e expectativas, ela respondia usando o pronome "nós", falando em nome da Vila Tabajara e não apenas a partir de sua própria singularidade. Além disso, o discurso traz efeitos de sentido de uma certa autoridade, como se ela pudesse decidir e falar em nome de todos, legitimando essa posição pelo longo tempo em que reside na vila. Ela continua: "*E aí, a gente precisa de coisas melhores pra cá, né? Então, se a usina fosse trazer coisas melhores para nós a gente até aceitava, mas do jeito que a gente vê por aí...*" (Participante A).

Durante a entrevista com a participante "A", o discurso foi marcado por um efeito de pertencimento, e destacando sua posição como "porta-voz" da vila. Um dos efeitos de sentido de suas falas é a representação coletiva. Após viver 53 dos seus 60 anos na vila Tabajara, o lugar se torna parte fundamental de sua identidade, o que parece legitimar sua posição de falar em nome da comunidade ao longo da entrevista. Como se o longo tempo de residência lhe desse autoridade de expressar as necessidades e demandas em nome de todos os moradores da vila.

A posição de porta-voz traz a ideia de uma figura central, que atua como intermediário de determinado grupo ou causa, frente a questões de poder que se apresenta. Esta posição é marcada pela dualidade de visibilidade e negociação, ao mesmo tempo, em que representa as vozes do grupo, pode moldar essas vozes conforme suas próprias perspectivas (Pêcheux, 1990).

Ao longo das entrevistas, um dos efeitos de sentidos produzidos foi de pertencimento. A territorialidade em que vive exerce um papel importante na subjetivação dos moradores, ao usarem a localidade onde moram como elemento de sua própria apresentação, ou seja, como um elemento constituinte de quem são, é possível identificar como o lugar onde residem desempenha um papel importante na formação da identidade dos entrevistados. Ao se apresentarem, por exemplo, frequentemente destacaram ser moradores da Vila Tabajara como um dos aspectos constituintes de quem são. Como pode se observar nos enunciados a seguir:

*Eu hoje conheço o 'M', eu me apresento morador aqui de Tabajara*  
(Participante M).

*Bom, o meu nome é 'K', tenho 61 anos, sou moradora aqui de Tabajara há 11 anos*  
(Participante K).

*Meu nome é 'P', já tenho 4 anos já com meu marido, moro aqui em Tabajara, eu me sinto bem aqui*  
(Participante P).

*Para nós, o que nós somos ribeirinhos, é que nós mora aqui na margem do Rio, né? Aí nós somos ribeirinho, porque a gente mora aqui na vila, né? E pertence à beira do rio. Se nós temos um lote na beira do rio, né, aí eles falam ribeirinho, né (Participante A).*

No fragmento "se nós temos um lote na beira do rio, aí eles falam ribeirinho" evoca um efeito de posse. A identidade ribeirinha, nesta condição discursiva, está vinculada à posse da terra, ao lote situado à beira do rio. O "ter" aqui não diz respeito apenas a um aspecto material, econômico, mas também à legitimação de uma identidade social. É como se a posse de um pedaço de terra às margens do rio validasse a posição de ser ribeirinho. Assim, ser "de" um determinado lugar, no caso, à margem do rio, é o que autentica a pessoa como parte do grupo "Vila Tabajara".

A fala do participante "M", por exemplo, ao se apresentar como "morador aqui de Tabajara", produz um efeito de sentido de pertencimento de comunidade (Tabajara), no qual o local onde mora exerce uma função em seu processo de subjetivação. A vila Tabajara aparece como um elemento em sua apresentação como sujeito.

Outra característica possível de se observar durante as entrevistas, foi a ocorrência da palavra "paz" durante a produção de discurso, essa palavra nas falas dos moradores da vila Tabajara, mobiliza efeitos de sentido relacionados a uma certa sensação de segurança, tranquilidade, a um baixo índice de criminalidade em seu território. Para os participantes da pesquisa, essa "paz" é uma das melhores vantagens de se viver na vila Tabajara, bem como um dos fatores mais associados ao seu próprio bem-estar.

Abaixo alguns fragmentos de falas dos moradores da Vila Tabajara:

*Eu me sinto bem, nasci aqui, criado, né? Agora estou criando meus filhos. É um lugar tranquilo de paz. Não tem muito assim, criminalidade, que a gente possa se preocupar mais com os filhos da gente, que algo possa acontecer. É um lugar tranquilo, calmo pra viver (Participante B).*

*Eu me sinto bem, que dos lugares que eu vim, eu trabalhava de pedreiro na rua, né, então aqui que a gente encontra uma paz, uma paz assim, que a gente sente que na cidade não sente (Participante M).*

*O que é viver aqui em Tabajara, dona, é lugar de paz. Tanto faz aqui como lá na minha terrinha ali em cima ali, né? Né minha não, é dos meus filhos. É um lugar de paz, tranquilidade. Tranquilidade [...]. Eu não vou mentir que quero que [a usina] saia [do papel], eu não quero que saia. Porque é um lugar de paz, um lugar de sossego, a gente vevi tranquilo, sossegado (Participante R).*

A palavra "paz" aqui, mobiliza uma série de efeitos de sentido que remetem a uma sensação de bem-estar, segurança e tranquilidade. Considerando as condições históricas e sociais que permitem a emergência do discurso, neste sentido, a vila Tabajara é percebida como um espaço de segurança e tranquilidade.

Analisando o discurso materializado pelo fragmento de fala do praticante "M", é possível observar que existe um contraste entre a vila e a cidade. Observando a vila Tabajara, é possível notar um estilo de vida simples, com pouco movimento, até mesmo comercial, em comparação às cidades. Já as cidades são comumente entendidas como centros de progresso econômico e estilo de vida acelerado. Neste fragmento do participante "M", o efeito de sentido percebido é de que viver na vila é melhor do que viver na cidade. Onde a cidade, diferente da vila, parece representar um espaço de falta de paz, a paz aqui parece estar associada a um estilo de vida mais simples, como o mencionado sobre a vila Tabajara. Esse contraste nos leva a refletir sobre a relação entre a cidade e a ideia de progresso. Tradicionalmente, o espaço urbano é visto como o centro do desenvolvimento econômico, associado ao avanço e à modernização. Diante disso, nos faz pensar na seguinte questão: Será que o progresso, entendido como desenvolvimento econômico e tecnológico, realmente promove o bem-estar das pessoas?

Em outros momentos, foi possível observar nos discursos materializados nos trechos de falas a seguir, que a identidade do que é ser ribeirinho está intimamente ligada à territorialidade e/ou ao fato de morarem à beira do rio. Também foi possível identificar durante as entrevistas, que os entrevistados que possuem suas casas literalmente nas margens dos rios, se identificaram como ribeirinhos, enquanto aqueles que residem na vila, mas em ruas mais afastadas do rio, em alguns momentos, não se identificaram da mesma forma.

*Ribeirinho acho que é porque a gente viver mais perto do rio, né? As vezes o pessoal, não sei porque eu estou assim, deve ser porque a gente mora na beira do rio, deve ser isso... Deve ser isso. Eu não tenho, deve ser a cultura né, do peixe (Participante B).*

*Pessoas que moram perto da beira do Rio, né? Igual a gente, né? E veve da pesca (Participante C).*

*Ribeirinho eu acho assim, que são as pessoas que moram na beira do rio... Sim, eu moro aqui (Participante D).*

Essas falas permitem identificar alguns processos de subjetivação dos participantes e como esses processos estão relacionados com a territorialidade, o rio e a vida que se desenvolve em torno dele. Observa-se que a territorialidade não é apenas um aspecto físico, mas também um elemento constitutivo da identidade social dos participantes. Assim como sua atividade de subsistência, como a pesca, esta entrelaçada com os processos de subjetivação do que é ser ribeirinho.

Para Lira e Chaves (2016), há na base da estrutura das comunidades ribeirinhas uma grande valorização da relação de respeito entre humanidade e natureza. Isso ocorre porque ribeirinhos não se enxergam como separados da natureza, colocando-se em uma posição dominante sobre ela. Fernandes e Moser (2021), também identificam em seus estudos que ribeirinhos são povos cujas vidas estão intimamente ligadas às águas, o rio. Entretanto, nesta pesquisa, o sentido de ser ribeirinho mostrou-se relacionado a aspectos que envolvem a territorialidade e atividades de subsistência, como, por exemplo, a pesca.

Tabajara é popularmente conhecida como uma vila ribeirinha no município de Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia. No entanto, nem todos os participantes da pesquisa se identificam como ribeirinhos. Durante as entrevistas, foram observados discursos que atribuem diferentes sentidos ao que é ser ribeirinho, indicando que não há uma única definição para a identidade ribeirinha na vila Tabajara. Pode-se observar que “ser ribeirinho” pode ser associado tanto a uma valoração positiva (algo bom) quanto a uma valoração negativa (algo vergonhoso). Assim, foi possível identificar essas duas formas contrastantes de efeito de sentido nos discursos dos participantes.

Mesmo que, em diversos momentos das entrevistas, o efeito de sentido produzido ao termo “ribeirinho” estivesse relacionado à territorialidade, houve participantes que, mesmo residindo na Vila Tabajara, não se consideravam ribeirinhos e, por vezes, viam aqueles que se denominavam ribeirinhos como sujeitos diferentes, como evidenciado na fala do participante K a seguir:

*Mas os ribeirinho, vive mais é de caça, né, de peixe, de fruta, do açaí, da castanha, isso aqui se refere o ribeirinho, né? Bom, como eu falei, né, aqui já tô com 11 anos, né, então eu considero, que eu tô aqui junto com eles, né? E já considera né, porque é como eu falei, né, toma aqui, né, junto com eles, o que eles, o que eles comem, né, a gente come também, né (Participante K).*

No trecho acima, mesmo vivendo na vila Tabajara, localizada à margem do rio, há onze anos, a participante “K” não se considera ribeirinha. O efeito percebido é como se não fizesse parte do que é ser ribeirinho, referindo-se aos ribeirinhos como “eles” e usando “a gente” para se referir a si mesma. Ela descreve os hábitos dos ribeirinhos, onde eles moram, do que se alimentam, trazendo um efeito de sentido de que ela sabe, ou melhor, tem um conceito sobre o que é ser um ribeirinho, porém não utiliza o termo “ribeirinha” para se identificar.

Esse efeito de sentido relacionado à vergonha pode ser notado a fala do participante “O”, onde esse efeito de sentido se produz quando há um desconforto ao se denominar ribeirinho, pois “*não adianta eu mentir*”, como se fosse algo a ser evitado. Conforme apresentado no fragmento a seguir: “*Ribeirinho é... Ribeirinho é nós. Que nem eu, eu sou ribeirinho, não adianta eu mentir, sou ribeirinho. Me criei, nasci e me criei aqui*” (Participante O).

Olhando para os processos histórico e culturais ligados construção e origens do que é ser ribeirinho na Amazônia, pode se observar como comunidades ribeirinhas foram marginalizadas socialmente frente a colonização europeia, e ao forte movimento de cristianização das comunidades Amazônicas. Esses resquícios históricos podem estar ligados até os momentos atuais, fazendo com que noção de ribeirinho seja atrelada em alguns momentos com algo errado, o que pode influenciar na não autodenominação, bem como na construção da valorização negativa do que é ser ribeirinho, por alguns participantes desta pesquisa.

Diante do exposto é possível identificar como os processos de identificação e não identificação se apresentam de formas distintas entre os participantes, mesmo que inseridos no mesmo contexto ambiental e social, cada um produz sua significação diante seus processos de subjetivação e condições de produção de discurso, que são únicos.

## 4.2 A POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DA UHE TABAJARA

### 4.2.1 Progresso e destruição: uma tendência histórica

Duas palavras que se repetiram diversas vezes nas falas dos participantes foram “destruição” (23 vezes) e “progresso” (16 vezes). É interessante pensar essas palavras considerando alguns aspectos históricos referentes à construção do estado

de Rondônia e, conseqüentemente, da vila Tabajara, e como essa história pode refletir na constituição dos sujeitos e nos efeitos de sentido que os norteiam. Tabajara é uma vila no interior do estado de Rondônia, construída antes mesmo de Rondônia ser considerado um estado, quando era chamado de Território do Guaporé. A construção dessa vila ocorreu com a intenção de exploração de matéria-prima para a produção de borracha. Muitas pessoas vieram de várias partes do país para Rondônia em busca da promessa de "prosperidade" e melhoria de vida econômica. No entanto, para que essa "prosperidade" pudesse ocorrer, foi considerado necessário o desmatamento das florestas para a prática da agricultura (monocultura) e/ou agropecuária, bem como para a exploração de outros recursos naturais, como, por exemplo, a cassiterita, um metal amplamente extraído em Rondônia.

Considerando essa história, percebo como essas duas palavras se associam nos processos de produção discursiva, que, por sua vez, é um processo histórico-social materializado na fala dos participantes. É como se, em Rondônia, só houvesse possibilidades de "progresso" econômico desde que haja "destruição" das matas ou outras conseqüências negativas.

Nas falas dos participantes "N" e "M", produz feito de sentido relacionado ao fato de que o progresso é algo necessário, como se, de alguma forma, ele tivesse que ocorrer, mesmo que acarrete desvantagens. Na fala do participante "N", quando questionado sobre o que a possível construção da UHE o faz pensar, ele responde:

*Ah, eu acho, que destruição, né? Destruição em massa. Por um lado, você tem que entender que o governo tem que fazer isso para o mundo, mas em via do meio ambiente e pra sua população, totalmente errado [...]. Porque tudo se você tiver o progresso e você trabalhar, porque com o progresso você progride, e sem o progresso não tem como. Eu acho que essa usina traria o progresso pra a gente aqui (Participante N).*

A expressão "destruição em massa" apresentada no trecho acima funciona como um termo de grande impacto, remetendo a um imaginário de destruição total, podendo ser associada a exemplos históricos de catástrofes, como as bombas nucleares. Essa escolha de palavras produz efeito de sentido relacionado com a gravidade das conseqüências da possível construção da UHE, reforçando o conflito entre os ideais de progresso e a destruição do meio ambiente. O trecho ainda apresenta uma contradição clara. De um lado, o participante reconhece a "destruição" e o "erro" associados às conseqüências negativas do projeto; de outro, destaca o

progresso como algo necessário e inevitável. Ele afirma que “sem progresso não tem como”, produzindo um efeito de sentido de que, apesar dos danos ambientais e outros, o desenvolvimento econômico é indispensável.

Em outro momento, na entrevista com participante “M”, ele considera a possível construção usina como algo vantajoso para os moradores da vila Tabajara, principalmente dos quesitos econômicos, ao longo de suas falas ele denomina essas vantagens utilizando o termo progresso, ao mesmo tempo que reconhece, que o tido como progresso, produz efeitos de sentidos negativos, relacionados como o aumento da criminalidade.

*Com o progresso também chega também o que não presta, né? É só isso que eu falo pra você. E o quê não presta o que que é no meu pensamento? Ela [a usina] vai atrair o que? Muita bandidagem que hoje nós não temos aqui. Mas eu acho, todo mundo sabe que com o progresso, traz isso aí [bandidagem] em qualquer lugar que você vai, onde tem um progresso, tem (Participante M).*

Quando questionado sobre o que pensa quando ouve as palavras Usina Hidrelétrica, o participante “M” respondeu: “*Usina? Eu creio que, no meu pensamento, que para nós aqui hoje seria benefício*” e ao longo de suas falas trazia argumentos como melhora econômica para ele e os demais moradores da vila Tabajara. “*A expectativa é que ela [a usina] venha trazer pra nós melhoria*” (Participante M).

O sentido atribuído ao termo “melhorias” está relacionado a aspectos econômicos, como a possibilidade de emprego, conseqüentemente ao aumento de renda, como explicitado no trecho a seguir:

*Eu creio que é bem benefício, melhoria aqui para nós. Porque se você olhar hoje aqui Tabajara, nós não temos. Nós não temos indústria, o trabalho aqui é muito difícil. Para as pessoas quer mesmo, é um roçado, é passar veneno, só nos sítio. O único emprego que hoje tem isso aí (Participante M).*

O discurso sobre progresso evidencia efeito de sentido relacionado a questões econômicas. A busca por melhorias econômicas parece ser vista como fundamental, mesmo que isso traga possíveis desvantagens. Nota-se como o “progresso” parece justificar algumas desvantagens como o aumento da criminalidade. Essa visão reflete uma prioridade nas questões econômicas sobre outras preocupações, como a tranquilidade de uma comunidade com baixo índice de criminalidade e outros. Deste modo nota-se que o progresso é percebido como uma necessidade essencial, ainda que traga conseqüências negativas para a vida cotidiana dos moradores.

O termo destruição também foi colocado em circulação durante o discurso, trazendo efeito de sentido de que a destruição fosse inerente à possível construção da UHE Tabajara, essa noção de destruição talvez se repita ao longo da história de Rondônia, pois em outros momentos, empreendimentos como as usinas de Jirau e Santo Antônio em Rondônia, após sua construção foi observadas degradações tanto nos setores sociais quanto nos ambientais. Veja alguns trechos a seguir:

*O que que eu penso? Eu penso em destruição. Porque a gente vê aí pra fora, eu assisto na televisão as destruição que tem acontecido aí para fora, né? E vejo muitas pessoas morrer desabrigado passando fome, passando necessidade, sair do que é seu para ir morar debaixo de lona, debaixo de ponte, como eu vi em Porto Velho (Participante D).*

*O que faz eu pensar, sabe o que que é? É destruição. Que esse povo que são acostumado aqui, vai ter que todo mundo ir embora, né? Aí faz eu pensar isso aí (Participante L).*

*Ah, eu penso que, da minha opinião, que vai acabar toda paz que tem aqui no Tabajara. As naturezas que a gente tem aqui, de rio, praia, tudo o que tem, vai acabar tudo. Benefícios 5 anos, depois de 5 anos acaba tudo aí vai ficar só destruição [...]. Na minha ideia, no início, vai ter muito serviço, né? Mas aí depois vai acabar com tudo, a usina vai embora, vai ficar só, quer dizer, serviço, levar embora. Aí vai ficar só destruição pra trás, dos rio, essa natureza que Deus deixou vai acabar tudo (Participante H).*

Essa simultaneidade entre “progresso” e “destruição” produzida no discurso durante as entrevistas pode ser observada historicamente, desde a chegada dos portugueses ao Brasil. Essa lógica faz parte dos processos de colonização do Brasil, gerando impactos ambientais e afetando os povos que aqui já habitavam. O Brasil é tão fortemente marcado por essa tendência histórica de progresso “econômico” à custa da destruição ambiental, que tem gravada em sua bandeira a palavra “progresso”.

Para compreender os efeitos de sentido produzidos nos termos “progresso e destruição” durante as entrevistas, é preciso reconhecer como essas noções vêm sendo historicamente construídas e mobilizadas. Esse reconhecimento também permite entender alguns dos interesses e as relações de poder que sustentam tais discursos e, conseqüentemente, as práticas de destruição em nome do progresso. Historicamente, a busca por “desenvolvimento” é muitas vezes justificada pela necessidade de crescimento econômico, desconsiderando as conseqüências tanto no campo ambiental quanto no social. Isso pode ser observado na forma como grandes projetos de infraestrutura, como as UHE, são construídos, autorizados e

implementados, mesmo quando resultam em danos ambientais, sociais e/ou deslocamentos populacionais.

A possível construção da UHE Tabajara está diretamente ligada a aspectos que influenciaram a construção da Vila Tabajara, assim como o empreendimento em questão continua a influenciar o movimento da vila até os dias atuais. Atualmente, muitas casas encontram-se à venda ou abandonadas. Os moradores justificam que, ao longo dos anos, pessoas ouviram falar sobre a possível construção da usina e viram nisso uma oportunidade de ganhar dinheiro, acabando por comprar casas com o intuito de serem indenizadas caso a usina fosse realmente construída. No entanto, como a usina não foi construída até o presente momento, muitos desistiram de continuar residindo na vila e colocaram suas moradias à venda ou abandonaram o local. A seguir, nas Figuras 4 e 5, pode-se observar o registro de algumas casas da Vila Tabajara.

**Figura 4** – Residências abandonadas na Vila Tabajara no município de Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, região norte do Brasil



Fonte: Registro próprio (2024).

**Figura 5** – Residências a venda e alagadas devido às fortes chuvas na Vila Tabajara no município de Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, Brasil



Fonte: Registro próprio (2024).

#### 4.3 POSICIONAMENTO SOBRE A POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DA USINA

Dos dezenove participantes da pesquisa, nove (47%) se posicionaram contra a construção da UHE em Tabajara, sete (37%) se posicionaram a favor, e três (16%) expressaram incertezas.

Conforme apresentado no item 4.1, a localidade/territorialidade desempenha um papel fundamental no processo de subjetivação dos entrevistados. No entanto, outros fatores relevantes foram identificados em relação aos posicionamentos frente a possível construção da hidrelétrica, como o sentido de pertencimento, a sensação de impotência, a importância da coletividade e as expectativas de avanços econômicos. Neste tópico, serão discutidas essas questões.

Foi identificada uma tendência de os moradores mais antigos, aqueles que nasceram na vila ou residem lá há mais de dez anos, se posicionarem contra a possível construção da usina. Também é possível notar o funcionamento dos processos de identificação e sensação de pertencimento àquela territorialidade. Outros aspectos mobilizados pelo posicionamento contrário à possível construção da usina foram o valor histórico e cultural da região, o desejo de preservação do modo de vida tradicional que influencia na definição da comunidade ribeirinha e a preocupação com a potencial destruição ambiental e social que o empreendimento pode trazer para a vila Tabajara.

*Realmente eu não quero que saia essa usina aqui, eu não vou mentir que quero que saia, eu não quero que saia. Porque é um lugar de paz, um lugar de sossego (Participante R).*

*Rapaz, a gente se sente meio, eu mesmo, na realidade mesmo, eu mesmo, se fosse uma votação, eu votaria pra não sair. Porque se uma usina dessa sair num rio desse aqui essa vila de Tabajara, aqui acaba, 2 novembro acaba [rio], todo mundo sabe que 2 novembro aqui é um lugar turístico (Participante S).*

A fala do participante “R” reflete a valorização do lugar como um espaço de paz e tranquilidade, demonstrando o processo de identificação com o território e a importância do ambiente para o bem-estar dos moradores. Já a fala de “S” expõe a preocupação com os impactos sociais e ambientais que o empreendimento pode trazer, especialmente em relação à potencial destruição de um espaço turístico importante para a comunidade e para o sustento de seu modo de vida tradicional. Essas manifestações reafirmam o sentido de pertencimento e a defesa do patrimônio cultural e natural que os moradores, expressam em sua resistência à construção da usina.

Outro aspecto a ser considerado é que a possibilidade de construção da UHE é um assunto que desperta o interesse dos moradores da vila. Todos os participantes discorreram sobre o assunto, posicionando-se em relação à possível construção, mesmo que de forma ambígua ou buscando certa imparcialidade, mas nunca com indiferença. Entretanto, alguns discursos produziu efeito de sentido de descrédito quanto à real construção da usina, sustentado por argumentos de que, há muitos anos, existe esse rumor sobre a obra, assim como já receberam outros pesquisadores sobre o empreendimento. No entanto, até o presente momento, não foram informados oficialmente pelo poder público ou por outros órgãos sobre a real construção da UHE Tabajara.

Ao ser questionada sobre sua expectativa frente a possível construção usina Tabajara, a participante responde: “*Não né [não tem expectativa], porque já faz tempo que eles falou que ia construir, tá demorando muito*” (Participante G). Esse “rumor” da possível construção da UHE Tabajara influenciou fortemente a fundação do município de Machadinho D’Oeste-RO, ao qual a vila Tabajara está vinculada. Pessoas do estado de Rondônia e de todo o Brasil se mudaram para a região com a expectativa de trabalho e oportunidades que o possível empreendimento poderia trazer. Todo esse movimento migratório girou em torno de expectativas quanto à construção desta usina. Esse rumor sobre a construção da usina já se perpetua há mais de 40 anos.

Analisando as entrevistas e fragmentos como a fala do participante “D” e “O”, apresentada a seguir, é possível identificar o efeito de sentido de impotência frente a chegada do empreendimento, como todos têm opiniões frente a possível construção da usina, mesmo que o posicionamento de alguns seja contrário à construção, um processo democrático e/ou coletividade parece funcionar, para dar permissão que a construção aconteça. Como se a decisão dependesse de uma maioria, não sendo importante a opinião individual, produzindo um certo efeito de coletividade.

*A opinião que eu tenho, pra mim, eu da minha parte eu não aceito, mas se o povo aceita, a maioria aceita. Uma andorinha sozinha não faz verão (Participante D).*

*Eu fico calado, porque uma andorinha só não faz verão [...]. Eu, a usina, quando fala na usina, fica lá, porque por exemplo, tem 4 ou 5 aí, tô conversando com a senhora, tudo a favor da usina e eu sou contra [...]. Nós tem que ficar calado na nossa aqui, escutar os boato (Participante O).*

Em contrapartida, houve uma tendência entre os mais jovens de expressarem preferência pela construção da UHE. Esse posicionamento se sustenta na associação da construção da usina com crescimento econômico, melhoria da infraestrutura, geração de empregos e aumento de oportunidades para a comunidade.

*Mudanças, né? Aí de serviço, dinheiro pras pessoas, mais trabalho, essas coisas, né? Investimentos bom. Pra mim vai ser bom que meu marido vai ter serviço, né? E outras pessoa também (Participante G).*

O termo hidrelétrica, em alguns momentos das entrevistas, parece operar com um efeito de sentido vinculado ao poder econômico, como se a construção da usina pudesse conferir aos moradores um maior potencial de crescimento econômico. Em diversas ocasiões, os participantes se expressavam com entusiasmo ao serem questionados sobre a possível construção da UHE Tabajara, produzindo um efeito de sentido de correlação entre o termo “hidrelétrica” e a expectativa de desenvolvimento econômico, sustentando com argumentos sobre as oportunidades de crescimento financeiro que o empreendimento poderia gerar.

A participante “K”, por exemplo, quando questionada sobre se sua vida mudaria caso a usina fosse construída, ela respondeu:

*Muda, mundo pra todo mundo. Todo mundo ganha seu dinheirinho, todo mundo sai bem, entendeu? Então é, vamos supor, assim, é um avanço melhor pra pessoa, né, um avanço melhor, né? (Participante K).*

A fala da participante “K”, por exemplo, enfatiza não apenas a expectativa de ganhos financeiros individuais, mas também um senso de progresso coletivo. Essa relação entre o termo “hidrelétrica” e a promessa de desenvolvimento econômico indica que, para muitos moradores, a construção da usina não é apenas uma questão de infraestrutura, mas um símbolo de melhoria nas condições de vida. Dessa forma, a discussão em torno da UHE Tabajara evidencia a complexidade das percepções locais, onde os desejos por crescimento econômico se entrelaçam com as realidades sociais da comunidade.

Um ponto comum entre todos os posicionamentos pró-construção da usina é a conexão estabelecida entre a construção da hidrelétrica e as melhorias econômicas esperadas para a região. Essa expectativa é acentuada pela fragilidade da economia local, refletindo a dependência de muitas famílias em relação ao potencial de crescimento que a usina pode trazer.

*Mudanças, né? Aí de serviço, dinheiro para as pessoas, mais trabalho, essas coisas, né? Investimentos bom. Pra mim vai ser bom que meu marido vai ter serviço, né? E outras pessoa também (Participante G).*

*Eu me sinto assim como muitos vai se sentir, né? Prejudicado. Porque se você tá aqui há muito tempo trabalhando em cima das coisas, tendo suas frutas que já tão dando. Por que ó, esse meu quintal aí ó, esses quintais aí tudo dá frutas. E nós tem começando lá também, tem plantando cacau, café, que nós tem lá, e urucum né? Que tudo dá dinheiro, né? Aí vai acabar tudo, né? Só vai ficar a parte que não vai pro fundo. E aqui tudo é baixo (Participante A).*

De um lado, o Participante “A” expressa preocupações em relação à possível perda de seus cultivos e da renda que eles geram, ressaltando como essa ameaça impacta sua subsistência e reflete a fragilidade econômica da região, influenciando diretamente seu posicionamento em relação ao empreendimento. Por outro lado, o Participante G apresenta uma visão otimista, acreditando que a usina trará novas oportunidades de emprego e investimentos, beneficiando não apenas sua família, mas também outros membros da comunidade. Assim, fica evidente que os aspectos econômicos exercem influência nas percepções sobre o empreendimento.

Outro efeito de sentido produzido durante as entrevistas foi a sensação de que, com a chegada da usina, seria necessário o deslocamento dos moradores da vila para outra localidade. Nas falas dos participantes a seguir, é possível identificar como

esse deslocamento de moradia gera um efeito de sentido de dúvidas, o que pode influenciar o posicionamento frente à possível construção da usina.

*Ah, eu penso que vem desapropriar nós, né? E, será que ele [o governo] vai dar um benefício para a gente sair daqui pra outro canto, né? (Participante A).*

*Porque todo mundo sabe que aquela usina que foi feita lá dentro de Porto Velho alagou meio mundo, né? Alagou, desabrigou pessoas das suas terra e seus lugar, das casas, quem morava na beira do rio ali em coisa teve muitos que teve sair, né? Então eu acho que não é muita vantagem não (Participante S).*

A partir dos efeitos de sentido produzidos nas entrevistas analisadas, as produções discursivas são marcadas por uma visão de mundo influenciada pelo capitalismo. Ao olhar para a história das comunidades ribeirinhas no Brasil, nota-se que elas sempre sofreram impactos sociais e ambientais com a construção de empreendimentos voltados para a produção energética. Num cenário histórico mais abrangente, as comunidades tradicionais no Brasil vêm sendo despossadas e deslocadas de seus territórios para dar lugar aos interesses do governo. Para contextualizar a situação das comunidades tradicionais no Brasil, é importante traçar um paralelo com eventos históricos que evidenciam o conflito entre os interesses governamentais e a resistência dessas populações. Um exemplo marcante é a Guerra de Canudos, ocorrida no final do século XIX, quando uma comunidade no interior da Bahia, liderada por Antônio Conselheiro, resistiu às imposições do Estado e acabou sendo destruída em 1897. Esse episódio reflete a recorrente tentativa do poder público de desarticular formas de organização social que não se alinham aos projetos de modernização e desenvolvimento econômico, frequentemente alheios às necessidades e direitos dessas populações (Cunha, 2009). Assim como Canudos foi alvo de interesses políticos e socioeconômicos do Estado, comunidades ribeirinhas também enfrentam ameaças de deslocamento e despossessão em nome de grandes empreendimentos, como a possível construção da UHE Tabajara, que continua gerando incertezas e impactos socioambientais na região.

Portanto, essas histórias de “progresso via destruição” revelam um padrão de desrespeito, desapropriações e expulsões que tem marcado o desenvolvimento do Brasil desde 1500. Desde a colonização, comunidades, como as indígenas e outras, foram “destruídas” ou removidas de seus territórios em nome do “progresso”. No

Brasil, frequentemente empreendimentos que prometem “progresso e prosperidade” resultam na destruição de culturas e modos de vida, legitimados por discursos que priorizam os interesses econômicos em detrimento dos direitos de algumas populações, como as já citadas aqui.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa mostram uma diversidade de fatores que influenciam os processos de subjetivação em torno do que é ser ribeirinho, conforme expresso pelos moradores da Vila Tabajara. A relação com o território, especialmente a localidade à beira do rio, desempenha um papel central na construção dessas subjetividades. O modo de vida dos ribeirinhos, que inclui atividades de subsistência como a pesca, a agricultura familiar e a alimentação, está intimamente ligado ao efeito de sentido que define essa identidade. O rio exerce uma profunda influência sobre o cotidiano dos moradores, refletindo não apenas uma identidade geográfica, mas também social e cultural. Embora o rio tenha uma conexão íntima com a comunidade, a partir das análises realizadas, ser ribeirinho transcende a simples localização física; é um modo de vida que envolve respeito à natureza e à coletividade. Desta forma, evidencia-se que o termo "ribeirinho" não deve ser visto como um rótulo para aqueles que vivem às margens dos rios, mas sim como uma identidade complexa e diversa.

É importante ressaltar que o efeito de sentido do que é ser ribeirinho, conforme discutido nesta dissertação, não deve ser entendido como algo generalizável para todas as comunidades ribeirinhas. Os resultados apresentados refletem uma realidade específica e, como em qualquer estudo qualitativo, não são passíveis de generalizações amplas. No entanto, este estudo oferece uma análise aprofundada que pode servir como um ponto de partida ou referência para futuras pesquisas sobre a subjetividade e identidade de outras comunidades ribeirinhas.

Nem todos os moradores da Vila Tabajara se identificam como ribeirinhos, apesar de a vila ser amplamente reconhecida como uma comunidade ribeirinha no município de Machadinho D'Oeste-RO. Nota-se que a maneira como os moradores se percebem pode variar, e, por isso, para respeitar e dar voz a essa diversidade, utilizamos o termo "comunidade dita ribeirinha" nesta dissertação. Essa escolha reflete a realidade de que nem todos compartilham dessa identificação, reconhecendo as diferentes formas de pertencimento dentro da própria comunidade.

No que tange à possível construção da usina hidrelétrica, emergiram perspectivas diferentes. Enquanto alguns veem no progresso econômico potencialidades de melhoria na qualidade de vida e oportunidades de emprego, outros expressam preocupações sérias com a destruição ambiental e social que poderia acompanhar tal empreendimento. Essas visões complexas ilustram não apenas as

dinâmicas locais, mas também reflexos de uma história marcada por promessas de desenvolvimento que nem sempre se traduzem em benefícios sustentáveis para todas as partes envolvidas.

Portanto, entender os discursos dos moradores da vila Tabajara não se limita a uma análise linguística; é também compreender as relações de poder, históricas e materiais que moldam suas percepções e posicionamentos. Este estudo não busca esgotar as complexidades desses processos discursivos, mas sim oferecer um olhar sensível e crítico sobre como as comunidades ribeirinhas constroem suas identidades e enfrentam desafios contemporâneos.

Diante do exposto, fica evidente que qualquer decisão sobre o futuro da vila Tabajara deve considerar não apenas os aspectos econômicos, mas também os impactos sociais e ambientais e principalmente a voz dos moradores que ali residem, garantindo que o desenvolvimento seja verdadeiramente sustentável e respeitoso com as histórias e identidades da comunidade. Esta dissertação contribui, assim, para um entendimento mais profundo das dinâmicas socioculturais e ambientais em contextos ribeirinhos, dando voz a comunidades muitas vezes esquecidas frente a empreendimentos que visam apenas o desenvolvimento econômico, bem como oferece com um relatório socioassistencial (Apêndice A), que foi entregue para a secretaria de assistência social do município de Machadinho D'Oeste-RO, conselhos municipais de garantia de direitos, e Ministério Público do referido município.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Presidência da República, 2007a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 5 mar. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 10.088, de 5 de novembro de 2019**. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho - OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 2019a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm#anexo72](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm#anexo72). Acesso em: 10 mar. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 10.116, de 19 de novembro de 2019**. Dispõe sobre a qualificação de empreendimentos públicos federais dos setores de energia e de mineração no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos da Presidência da República. Brasília, DF: Presidência da República, 2019b. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/d10116.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20qualifica%C3%A7%C3%A3o%20de,Investimentos%20da%20Presid%C3%Aancia%20da%20Rep%C3%ABlica](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d10116.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20qualifica%C3%A7%C3%A3o%20de,Investimentos%20da%20Presid%C3%Aancia%20da%20Rep%C3%ABlica). Acesso em: 15 mar. 2023.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **Plano Nacional de Energia 2030**. Brasília, DF: MME, 2007b. PDF. Disponível em: <https://www.gov.br/mme/pt-br/arquivos/plano-nacional-de-energia-2030-pdf.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social**. Brasília, DF: MDS, 2012. PDF. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/public/NOBSUAS\\_2012.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/public/NOBSUAS_2012.pdf). Acesso em: 21 mar. 2023.

BRASIL. PPI participa de audiências públicas para apresentação do projeto da UHE Tabajara. **Ministério da Economia**, Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/orgaos/seppi/noticias-1/ppi-participa-de-audiencias-publicas-para-apresentacao-do-projeto-da-uhe-tabajara>. Acesso em: 7 abr. 2023.

BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas**. São Paulo: Arquipélago Editorial, 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

FEARNSIDE, Philip Martin. Impactos das hidrelétricas na Amazônia e a tomada de decisão. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 22, n. 3, p. 69-96, 2019.

FERNANDES, Joyce Sampaio Neves; MOSER, Liliane. Comunidades tradicionais: a formação sócio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 532-541, 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Machadinho D'Oeste – Panorama. **IBGE**, Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/machadinho-doeste/panorama>. Acesso em: 8 abr. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 1, p. 66-76, 2016.

MACHADINHO D'OESTE. Vila de Tabajara em Machadinho D'Oeste prestes a entrar no roteiro turístico de Rondônia. **Prefeitura Machadinho D'Oeste**, Machadinho D'Oeste, 2023. Não paginado. Disponível em: <https://machadinho.ro.gov.br/vila-de-tabajara-e-2-de-novembro-em-machadinho-doeste-prestes-entrar-no-roteiro-turistico-de-rondonia/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MAGALHÃES, Sônia Barbosa; CUNHA, Manuela Carneiro da (coord.). **A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte**: relatório da SBPC. São Paulo: SBPC, 2017.

MAIOR hidrelétrica do governo Bolsonaro ignora sociobiodiversidade e ameaça mais de 5 mil pessoas em RO. **Agência Amazônia**, Vilhena, 2022. Não paginado. Disponível em: <https://www.ecoamazonia.org.br/2022/04/maior-hidreletrica-governo-bolsonaro-ignora-sociobiodiversidade-ameaca-mais-5-mil-pessoas-ro/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MAYER, Tiago. Diferença entre o banheiro masculino e feminino. **Off Humor**, [s. l.], 2018. Não paginado. Disponível em: <https://offhumor.wordpress.com/2018/07/30/diferenca-entre-o-banheiro-masculino-e-feminino>. Acesso em: 20 mar. 2023.

OLIVEIRA, Clebson Carlos de; JARDIM, Maxson José Barzani. Resgate histórico: estudo de caso na comunidade Tabajara. *In*: SOUSA JÚNIOR, Wilson N. **O lugar da História e dos historiadores nas Amazônias**. Belém: EDUFPA, 2015. p. 171-186.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução: José Horta Nunes. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 7-24, 1990.

QUAL a importância da análise do discurso, por Eni Orlandi. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Filosofia e Sociologia. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZLJJVGRjui0&ab\\_channel=FilosofiaeSociologia](https://www.youtube.com/watch?v=ZLJJVGRjui0&ab_channel=FilosofiaeSociologia). Acesso em: 5 nov. 2023.

RAINEY, Steven J.; RAINEY, Maura C. Araújo. Perspectivas ribeirinhas sobre os impactos da construção de usinas hidrelétricas no rio Madeira em Rondônia. Confins. **Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, [s. l.], n. 29, 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Douglas Pereira de *et al.* Desenvolvimento urbano e saúde pública: impactos da construção da UHE de Belo Monte. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 46, p. 154-173, 2018.

THÉRY, Hervé. **Rondônia**: mutações de um território federal na Amazônia. Curitiba: SK Editora, 2012.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

## APÊNDICE A – DIAGNOSTICO SOCIOASSISTENCIAL



# DIAGNOSTICO SOCIOASSISTENCIAL DA VILA TABAJARA, UMA COMUNIDADE NO INTERIOR DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

### AUTORIA

Lanay Dálete dos Santos Pereira  
Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional  
em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto  
[lanay.pereira@sou.unaerp.edu.br](mailto:lanay.pereira@sou.unaerp.edu.br)

### ORIENTAÇÃO

Saulo Barboza Professor  
Titular do Programa de Mestrado Profissional  
em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto  
[sbarboza@unaerp.br](mailto:sbarboza@unaerp.br)

### REVISÃO

Prof. Dr. Jacob dos Santos Bizziak  
IFPS-Instituto Federal de São Paulo  
[jacob.bizziak@ifpr.edu.br](mailto:jacob.bizziak@ifpr.edu.br)

Profa. Dra. Fernanda Bergamini Vicentine  
UNAERP- Universidade de Ribeirão Preto  
[fbergamini@unaerp.br](mailto:fbergamini@unaerp.br)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>2</b>
<b>2</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO .....</b>	<b>3</b>
<b>2.1</b>	<b>Descrição geográfica .....</b>	<b>3</b>
<b>2.2</b>	<b>Histórico e cultural .....</b>	<b>3</b>
<b>3</b>	<b>ASPECTOS DEMOGRÁFICOS .....</b>	<b>4</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE SOCIOECONÔMICA .....</b>	<b>4</b>
<b>4.1</b>	<b>Renda e pobreza .....</b>	<b>4</b>
<b>4.2</b>	<b>Educação.....</b>	<b>5</b>
<b>4.3</b>	<b>Saúde .....</b>	<b>5</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DAS NECESSIDADES E DEMANDAS SOCIAIS .....</b>	<b>6</b>
<b>5.1</b>	<b>Moradia .....</b>	<b>6</b>
<b>5.2</b>	<b>Segurança alimentar .....</b>	<b>6</b>
<b>5.3</b>	<b>Assistência social.....</b>	<b>6</b>
<b>5.4</b>	<b>Violência e segurança .....</b>	<b>6</b>
<b>6</b>	<b>PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA .....</b>	<b>8</b>
<b>7</b>	<b>RELATÓRIO FORÇAS, OPORTUNIDADES, FRAQUEZAS E AMEAÇAS (FOFA).....</b>	<b>8</b>
<b>8</b>	<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>8</b>
	<b>ANEXO A – PROTOCOLOS DE RECEBIMENTO.....</b>	<b>10</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A elaboração de diagnósticos sociassistenciais é uma necessidade fundamental para a construção e implementação de políticas públicas eficazes na área de assistência social. O diagnóstico permite uma compreensão detalhada das condições de vida da população, identificando as principais demandas e necessidades sociais, bem como as ofertas de serviços e programas existentes no território. Dessa forma, é possível direcionar ações e recursos de maneira mais precisa, atendendo às reais necessidades da comunidade.

O presente diagnóstico foi construído a partir de um conjunto diversificado de métodos e técnicas, incluindo atendimentos locais, entrevistas com moradores e profissionais da área, análise de documentos oficiais e informações registradas no Cadastro Único de Assistência Social de Machadinho D'Oeste-RO. A combinação desses métodos permitiu uma coleta abrangente de dados, proporcionando uma visão detalhada das condições socioeconômicas e das principais vulnerabilidades e potencialidades do território.

Além disso, é fundamental que as políticas públicas considerem as particularidades culturais e históricas dos grupos e comunidades envolvidos, respeitando suas especificidades e direitos, conforme preconizado pela Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social (NOB/SUAS). Este diagnóstico tem como objetivo subsidiar a formulação de políticas públicas que valorizem as perspectivas regionais, considerando a realidade específica de cada território e os sujeitos que nele habitam.

A realização deste diagnóstico é um passo crucial para o desenvolvimento de ações de assistência social que promovam a inclusão e o bem-estar da população, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Através deste trabalho, espera-se fornecer subsídios sólidos para os Conselhos Municipais de Saúde e Assistência Social e para o setor de Vigilância Socioassistencial de Machadinho D'Oeste, auxiliando na tomada de decisões informadas e na implementação de estratégias eficazes de intervenção social.

## 2 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

### 2.1 Descrição geográfica

Machadinho D'Oeste, localizado no estado de Rondônia, é um município situado na Amazônia Ocidental. O território é vasto e predominantemente rural, com áreas de floresta tropical e rios que desempenham um papel crucial na vida e na economia local. A vila ribeirinha de Tabajara está conectada à zona urbana de Machadinho D'Oeste por uma estrada de terra não asfaltada, com uma distância de aproximadamente 90 km. A localização geográfica de Tabajara, às margens do rio Ji-Paraná, oferece uma conexão vital para o transporte fluvial e o acesso a recursos naturais.

### 2.2 Histórico e cultural

Tabajara é uma vila histórica que remonta ao período em que Rondônia ainda era conhecido como Território Federal do Guaporé. A vila tem mais de cem anos de existência, sendo anterior ao próprio município de Machadinho D'Oeste. A fundação de Tabajara está intimamente ligada ao desenvolvimento do porto fluvial "2 de Novembro", que foi fundamental para o escoamento da borracha produzida na região durante o ciclo da borracha.

É importante notar que o distrito de Tabajara é uma região maior, da qual a vila de Tabajara faz parte. Embora a vila esteja dentro dos limites do distrito, as duas não são a mesma coisa. O distrito inclui outras áreas e comunidades além da vila de Tabajara, que é apenas uma das localidades dentro do distrito.



Figura 1 – Igreja Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, situada na vila Tabajara, em Machadinho D'Oeste, no estado de Rondônia, Brasil. Fonte: Machadinho D'Oeste (2023).

### 3 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Tabajara é um distrito de Machadinho D'Oeste, com uma população aproximada de 1.407 habitantes (IBGE, 2023). Dentro deste distrito, a vila Tabajara é uma pequena localidade com cerca de 150 pessoas distribuídas em aproximadamente 30 famílias. A principal fonte de renda da vila é a pesca artesanal, a produção de farinha e a agricultura de alimentos como mandioca e açaí. Muitas casas na vila estão abandonadas ou à venda, refletindo a migração de famílias para a zona urbana.

É importante destacar que o distrito de Tabajara é uma região mais ampla, da qual a vila Tabajara é uma parte. Embora a vila esteja situada dentro dos limites do distrito, elas não são a mesma coisa. O distrito abrange outras áreas e comunidades além da vila Tabajara, que é apenas uma das localidades dentro dessa região maior.

### 4 ANÁLISE SOCIOECONÔMICA

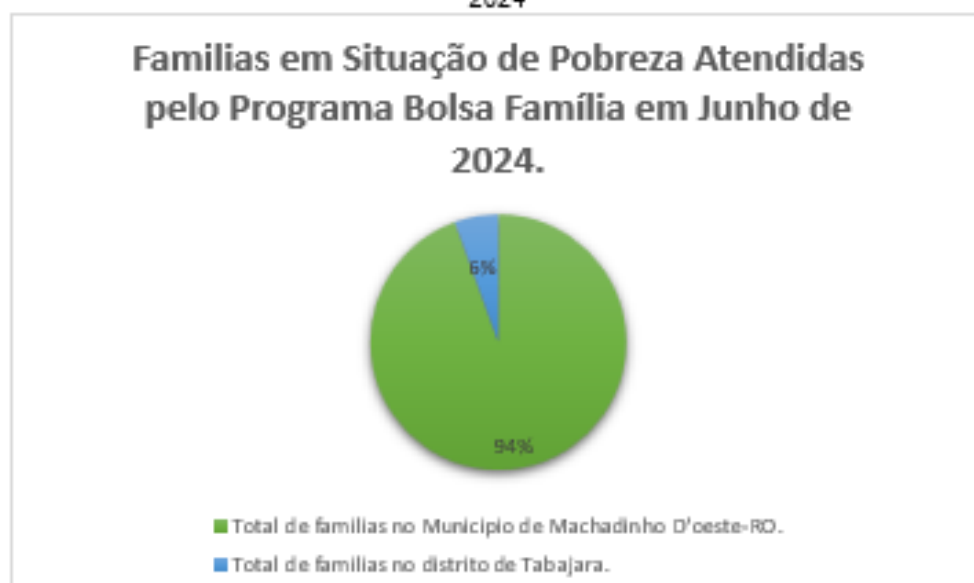
#### 4.1 Renda e pobreza

A maioria dos moradores da vila Tabajara não possui emprego fixo, dependendo de trabalhos esporádicos em fazendas próximas, refletindo uma economia local frágil e instável. A assistência social de Machadinho D'Oeste não possui registros exatos inscritos do CadÚnico e/ou beneficiários do Programa Bolsa Família para a vila específica de Tabajara, sinalizando a necessidade de melhor documentação e monitoramento.

De acordo com dados obtidos pela assistência social em junho de 2024, há 163 famílias beneficiárias do Bolsa no distrito de Tabajara, dos quais 146 estão em situação de extrema pobreza. Além disso, a falta de registros precisos sobre os beneficiários do BPC (Benefício de Prestação Continuada) e do programa Bolsa Família especificamente dentro da vila de Tabajara dificulta a análise detalhada e a implementação de políticas públicas eficazes. Esta lacuna de dados destaca a necessidade urgente de um levantamento mais abrangente e preciso por parte da assistência social.

A seguir, gráfico que ilustra a proporção de famílias em situação de pobreza atendidos pelo Programa Bolsa Família no distrito de Tabajara em comparação o total de famílias em situação pobreza atendidos pelo Programa Bolsa Família de todo o município de Machadinho D'Oeste-RO.

Figura 2 – Famílias em situação de pobreza atendidas pelo programa Bolsa Família em junho de 2024



Fonte: Elaboração própria, através de dados obtidos do setor do Cadastro Único da Assistência Social de Machadinho D'Oeste-RO, em junho 2024.

Observa-se que 6% de todas as famílias atendidas pelo Programa Bolsa Família em Machadinho D'Oeste estão localizadas no distrito de Tabajara. Esse dado reflete a fragilidade da economia local, evidenciando a dependência de muitas famílias em relação à assistência social para suprir suas necessidades básicas. Este cenário sublinha a importância de políticas públicas direcionadas para a criação de empregos e o fortalecimento da economia local, além de um sistema de assistência social mais eficiente e bem documentado. A falta de registros e dados confiáveis pode impedir a formulação de estratégias eficazes para combater a pobreza e melhorar a qualidade de vida dos moradores da vila de Tabajara e do distrito como um todo.

#### 4.2 Educação

A vila possui alto índice de analfabetismo, especialmente entre os moradores mais velhos. A escola local está desativada, obrigando as crianças a viajarem para estudar em "Estrela Azul".

#### 4.3 Saúde

A vila conta com um posto de saúde reformado em 2024, mas com infraestrutura limitada. Emergências requerem deslocamento de 90 km até Machadinho D'Oeste.

## 5 ANÁLISE DAS NECESSIDADES E DEMANDAS SOCIAIS

### 5.1 Moradia

Atualmente, a vila de Tabajara enfrenta desafios, diversas casas estão vazias ou abandonadas, refletindo a migração de famílias para outras áreas. A vila possui aproximadamente 30 famílias residentes. As casas são predominantemente de madeira, com piso em cimento ou chão de terra batida. As casas possuem água encanada, energia elétrica, no entanto a vila não conta com saneamento básico. Em algumas residências, não há banheiros internos, e algumas possuem apenas mictórios sem vasos sanitários.

### 5.2 Segurança alimentar

A alimentação é básica e restrita, com poucos comércios locais e dependência de agricultura familiar e pesca.

### 5.3 Assistência social

Os atendimentos são esporádicos, com foco em ações paliativas sem continuidade. A falta de registros e relatórios é uma limitação significativa.

### 5.4 Violência e segurança

Os moradores relatam baixo índice de criminalidade no núcleo da vila Tabajara. A polícia civil de Machadinho D'Oeste forneceu relatório estatísticos referente a criminalidade no distrito de Tabajara, referente aos anos de 2023 e 2024, conforme apresentado a seguir:

**Quadro 1 – Relatório estatístico referente a criminalidade no distrito de Tabajara nos anos de 2023 e 2024**

QUANT. (OCORRÊNCIAS)	NATUREZA_FATO	MUNICÍPIO	DISTRITO	DATA
01	Destruir florestas nativas de vegetação fixadora de dunas, mangues, objeto de preservação.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	12/2023
01	Conflitos diversos – Outros.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	01/2024

01	Desmatar floresta, plantada ou nativa, em terras de domínio público ou devolutas.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	01/2024
01	Acidente de trabalho.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	06/2024
01	Estelionato.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	03/2024
01	Afogamento.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	03/2023
01	Destruir florestas nativas de vegetação fixadora de dunas, mangues, objeto de preservação.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	10/2023
02	Lesão corporal culposa de trânsito.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	09/2023 e 05/2024
01	Outros fatos atípicos.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	04/2024
01	Provocar incêndio em floresta.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	12/2023
01	Morte a esclarecer sem indício de crime.	Machadinho D'Oeste-RO	Tabajara	04/2023

Fonte: Elaboração própria, através de dados obtidos do setor estatístico da Polícia Civil de Machadinho D'Oeste-RO, em junho 2024.

Os moradores relatam que o índice de criminalidade no núcleo da vila de Tabajara é relativamente baixo, o que pode refletir uma real tranquilidade na região. No entanto, essa percepção pode ser influenciada pela dificuldade de acesso dos moradores para realizar os registros de criminalidade, já que o posto policial mais próximo fica a 90 km de distância. De acordo com o relatório estatístico da Polícia Civil de Machadinho D'Oeste, referente aos anos de 2023 e 2024, as ocorrências no distrito de Tabajara incluem destruição de florestas, conflitos diversos, desmatamento, acidentes de trabalho, estelionato, afogamento, lesão corporal culposa de trânsito, incêndio em floresta e morte a esclarecer sem indício de crime. Esses dados sugerem que, embora o número de ocorrências seja baixo, a falta de facilidade para registrar crimes pode estar subestimando a real situação de criminalidade na região.

Em contrapartida, segundo informações obtidas em 2024 através do Conselho Tutelar de Machadinho D'Oeste-RO, a região do distrito de Tabajara enfrenta altos índices de violência sexual contra crianças e adolescentes. No entanto, a instituição não possui relatórios precisos sobre as estatísticas dessa informação, destacando a necessidade urgente de melhorar a documentação e o monitoramento desses casos para implementar políticas de proteção mais eficazes.

## 6 PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

As principais demandas levantadas através de entrevistas com os moradores da vila Tabajara incluem a construção de um hospital, a reativação da escola, melhorias nas estradas e no transporte, um policiamento mais eficiente, pois o posto policial mais próximo fica na cidade de Machadinho D'Oeste, a 90 quilômetros de distância, e a oferta de atividades de lazer, cultura e esporte. Além disso, os moradores ressaltaram a necessidade de maior investimento em programas que valorizem os trabalhadores locais e uma melhor comunicação com a prefeitura.

## 7 RELATÓRIO FORÇAS, OPORTUNIDADES, FRAQUEZAS E AMEAÇAS (FOFA)

Quadro 2 – Relatório Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA)

<b>Forças</b>	Comunidade unida e com forte identidade cultural.
<b>Oportunidades</b>	Potencial para desenvolvimento de parcerias e programas de capacitação e geração de renda.
<b>Fraquezas</b>	Infraestrutura limitada; Falta de registros e documentação adequados. Baixa qualidade dos serviços de saúde e educação.
<b>Ameaças</b>	Desafios externos como a migração e a violência sexual; Vulnerabilidade a desastres naturais; Desemprego e falta de oportunidades econômicas; Dificuldade de comunicação entre a comunidade e as autoridades locais.

Fonte: Elaboração própria (2024).

## 8 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente diagnóstico socioassistencial revela uma comunidade com grande potencial, porém enfrentando desafios significativos em diversas áreas cruciais para o seu desenvolvimento. A análise aponta para a necessidade urgente de melhorias em infraestrutura, educação, saúde e documentação, elementos essenciais para promover o bem-estar e a qualidade de vida dos moradores.

Recomenda-se elaborado registros pertinentes a região por parte das políticas da Assistência Social, Política, e Conselho Tutelar, o que é fundamental para assegurar que todos os cidadãos tenham acesso aos serviços e benefícios de que necessitam. Além disso, investir em infraestrutura básica é alma para garantir condições dignas de habitação e mobilidade.

A reativação da escola local é outra medida crucial, pois a educação é a base para o desenvolvimento de qualquer comunidade. Da mesma forma, melhorar a infraestrutura e os serviços do posto de saúde, ou mesmo a construção de um hospital, é vital para atender às necessidades de saúde da população.

Desenvolver programas de capacitação e geração de renda é uma estratégia eficaz para empoderar a comunidade, oferecendo ferramentas para que os moradores possam melhorar suas condições de vida de forma sustentável. A melhoria da comunicação entre a comunidade e a prefeitura também é essencial para assegurar que as demandas locais sejam ouvidas e atendidas de maneira eficiente.

Dentre as prioridades identificadas, destacam-se a infraestrutura e os serviços básicos, a educação e a saúde, além da segurança e assistência social. Estes são os pilares sobre os quais a comunidade deve se apoiar para alcançar um desenvolvimento equilibrado e sustentável.

É importante ressaltar a necessidade de atualização constante do diagnóstico. As dinâmicas sociais e econômicas mudam ao longo do tempo, e é crucial que o diagnóstico seja revisado periodicamente para refletir essas mudanças e novas necessidades da comunidade.

Por fim, estratégias de monitoramento e avaliação são indispensáveis para acompanhar a implementação das recomendações e avaliar seus impactos. Somente com um acompanhamento contínuo e uma avaliação criteriosa será possível garantir a eficácia das ações propostas, promovendo assim uma melhoria real e duradoura na qualidade de vida dos moradores.

## ANEXO A – PROTOCOLOS DE RECEBIMENTO



### PROTOCOLO DE RECEBIMENTO

Machadinho D'oeste-RO, 13 de dezembro de 2024.

Como Ministério Público de Machadinho D'oeste-RO, declaro ter recebido o "DIAGNOSTICO SOCIOASSISTENCIAL DA VILA TABAJARA, UM COMUNIDADE NO INTERIOR DA AMAZÔNIA OCIDENTAL", produto da pesquisa de mestrado de Lanay Dálete dos Santos Pereira, sob orientação do Prof. Dr. Saulo Delfino Barboza, junto ao Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação da UNAERP.

Ministério Público do Estado de Rondônia

**RECEBIDO**

13 / 12 / 2024

Hora 10:08

Fabiani 4431-1

Assinatura



## PROTOCOLO DE RECEBIMENTO

Machadinho D'oeste-RO, 13 de dezembro de 2024.

Como vigilância socioassistencial da SEMAS de Machadinho D'oeste-RO, declaro ter recebido o "DIAGNOSTICO SOCIOASSISTENCIAL DA VILA TABAJARA, UM COMUNIDADE NO INTERIOR DA AMAZÔNIA OCIDENTAL", produto da pesquisa de mestrado de Lanay Dálete dos Santos Pereira, sob orientação do Prof. Dr. Saulo Dellino Barboza, junto ao Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação da UNAERP.

---

*Assinatura*  
Paulo Cesar de Mello  
Secretário Municipal de Assistência Social  
Portaria nº 924/2024



## PROTOCOLO DE RECEBIMENTO

Machadinho D' oeste-RO, 13 de dezembro de 2024.

Como Conselho Municipal de Assistência Social-COMAS de Machadinho D' oeste-RO, declaro ter recebido o "DIAGNOSTICO SOCIOASSISTENCIAL DA VILA TABAJARA, UM COMUNIDADE NO INTERIOR DA AMAZÔNIA OCIDENTAL", produto da pesquisa de mestrado de Lanay Dálete dos Santos Pereira, sob orientação do Prof. Dr. Saulo Delfino Barboza, junto ao Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Educação da UNAERP.

*Roguel de Sousa*  
Assinatura

Presidente - COMAS/MDO/RO  
CPF 351.096.892-53